

VOX

ANO 02_NÚMERO 02



Ferreira Gullar
Ganha 1º Prêmio
Moacyr Scliar de Literatura



Entre as galerias
da biblioteca de babel
Ernani Ssó

O BEM

O MAL

Livro impresso ou digital:
O bem e o mal?
Celso Gutfreind

Mundo Digital:



Uma questão de demanda
Rodrigo Rosp

A literatura em
fase de transição



*mundo
digital*

EXPEDIENTE

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA CULTURA
INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO
COMPANHIA RIO-GRANDENSE DE ARTES GRÁFICAS

VOX é uma revista cultural publicada pelo Instituto Estadual do Livro (IEL) e a Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (Corag)
vox.ielrs@gmail.com

ISSN 1518-9600

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL Tailor Diniz / Reg. Prof. 4.912

CONSELHO EDITORIAL Clarissa Pont, Débora Peters, Denise Pereira, Jéferson Assunção, Laís Chaffe, Maria Emília Portella, Ricardo Silvestrin

PROJETO GRÁFICO / Instituto Naumild - Jackson Brum

DESIGNER RESPONSÁVEL E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Alex Silva

COORDENADOR DE PRODUÇÃO Paulo Bentancur

REVISÃO Estêvão Cogoy e Paulo Bentancur

COLABORADORES Ana Baggio, Ana Mello, Carlos Tomé, Charles Kiefer, Diego Petrarca, Eliane Tedesco, Ernani Ssó, Felipe Lindoso, Fernando Rozano, Lauro Manzoni Bidinoto, Lau Siqueira, Leonardo Brasiliense, Luís Dill, Marcelo D'Ávila, Marcelo Spalding, Celso Gutfreind, Rodrigo Rosp, Sandra Rey, Sérgio Lüttdke, Telma Scherer

Instituto Estadual do Livro (IEL)
Rua André Puente, 318
CEP 90035-150
Porto Alegre-RS
Fones (51) 33117311/ 33117299 / 32684911
iel@sedac.rs.gov.br
ielrs.blogspot.com

Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (Corag)
Av. Cel Aparício Borges, 2199
CEP 90680-570
Porto Alegre-RS
Fone (51) 32889700
corag@corag.com.br
www.corag.com.br

Apoio:



Secretaria da Cultura



Ao Leitor

Não há dúvidas de que houve um avanço na discussão sobre o fim do livro impresso, pois até os mais resistentes já reconhecem os digitais como realidade. O processo de reconhecimento durou pouco se a passagem de tempo convencional for tomada como referência. Mas foi muito demorado se o compararmos à rapidez com que muitos suportes digitais se tornaram obsoletos, como o disquete, o CD e o DVD, e sem demora serão meras peças de museu, ao lado daqueles velhos microfones a carvão do início das transmissões radiofônicas.

Jean-Claude Carrière, em diálogo que mantém com Umberto Eco no livro *Não contem com o fim do livro*, cita o caso de um amigo que guarda no porão de casa dezoito computadores obsoletos, para poder consultar trabalhos antigos. E afirma: “...não existe nada mais efêmero que os suportes duráveis.” Assim, prever o futuro sobre fatos que se revelam tão rápidos é arriscado demais. E o passado está logo ali, ainda sem a distância necessária para uma análise isenta do calor de leituras presentes. O mais apropriado, então, é observar como anda hoje a relação da literatura com o mundo digital e o espaço reservado a ela nesse universo tão amplo quanto volátil.

Aproveitando que o assunto esteve em pauta, em Porto Alegre, no Conexões Globais 2.0 (evento da Secretaria da Cultura e Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital), abrimos espaço para vários profissionais de literatura usuários dos meios digitais e, a partir do que dizem, poderemos arriscar um olhar sobre o futuro, que pode ser daqui a pouco, ainda antes da meia-noite.

Naturalmente que as discussões ainda irão longe. Há poucos dias, em palestra na Academia Brasileira de Letras, o cientista da computação Silvio Meira previu o fim do livro impresso para 2025. A plateia ficou assustada, e não é para menos. De outra parte, nos chega a notícia de que vários pais norte-americanos, muitos deles leitores de *e-books*, estão insistindo para que seus filhos passem os primeiros anos de vida curtindo livros impressos, para terem a experiência única de virar uma página fisicamente.

O argumento mais forte a favor do livro digital é que a economia e a funcionalidade de um *e-book* acabarão por enterrar de vez o livro impresso. Mas parte dessa linha de argumento serve para o outro lado. Jean-Claude Carrière, em sua conversa com Umberto Eco, levanta uma questão a ser considerada, lembrando o blecaute de Nova York, em 2006: “Nem temos a certeza de que no futuro disporemos de energia suficiente para fazer funcionar as nossas máquinas.”

A torcida é para que as coisas não sejam excludentes. Que o livro digital ocupe seu espaço, que seu suporte de leitura se popularize e faça crescer o número de leitores, em especial do Brasil, onde se lê tão pouco. E — na dúvida sobre o risco de um futuro colapso no abastecimento de energia e a se considerar a precariedade da memória digital — que se mantenham em pé as bibliotecas físicas, pois elas, por ironia, ainda poderão se transformar num valioso *back-up* das virtuais. Quem duvida?

Boa leitura.

Março de 2012

6
**DO BERIMBAU AO CHIP – AS IMPRESSÕES DIGITAIS DA CULTURA NA
SUPERAÇÃO DA BARBÁRIE**
LAU SIQUEIRA

10
E AINDA SE PREOCUPAM COM O FIM DO LIVRO DE PAPEL...
LEONARDO BRASILIENSE

12
ENTRE AS GALERIAS DA BIBLIOTECA DE BABEL
ERNANI SSÓ

15
O MODELO DE NEGÓCIO DO LIVRO DIGITAL
MARCELO SPALDING

18
LIVRO IMPRESSO OU DIGITAL: O BEM E O MAL?
CELSO GUTFREIND

21
UMA QUESTÃO DE DEMANDA
RODRIGO ROSP

22
TRÊS NOTAS SOBRE OS *BLOGS*
CHARLES KIEFER

24
PREÇO FIXO, AGENCIAMENTO E DIREITOS AUTORAIS. E AS LIVRARIAS NO MEIO
FELIPE LINDOSO

28
LITERATURA E CONEXÕES
ANA MELLO

30
**AS REVOLUÇÕES *TUITADAS* E A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NAS
MOBILIZAÇÕES CIVIS DE 2011**
SÉRGIO LÜTDKE

34
PRATELEIRA

36
**1º PRÊMIO MOACYR SCLiar DE LITERATURA
“A IMPOSSÍVEL FALA DO POEMA”**
PAULO BENTANCUR

38
O PRÊMIO IEAVI
ELAINE TEDESCO

40
CULTURA DIGITAL – TUDO, AO MESMO TEMPO, AGORA
SANDRA REY

42
PROGRAMAÇÃO

ORIGINAIS

43
TARDE PARA MATAR UM PORCO
LAURO MANZONI BIDINOTO

48
MEANDROS
DIEGO PETRARCA

49
MINICONTOS

50
A MULHER QUE GOSTAVA DE POESIA
CARLOS TOMÉ

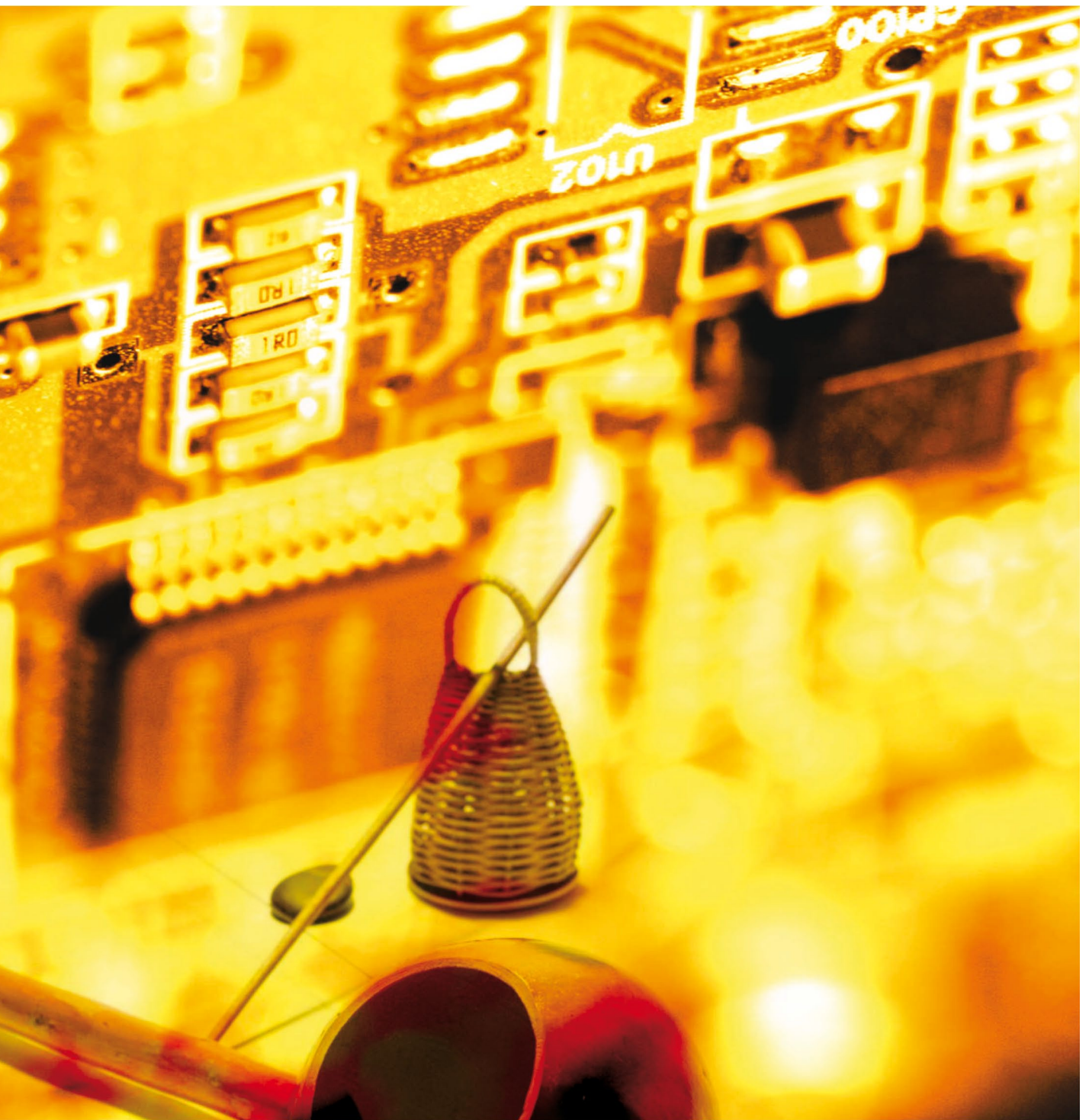
52
MIMOSA
TELMA SCHERER

53
TRUCO DE MANO
MARCELO D'ÁVILA

56
AMANHECIA
SIDNEI SCHNEIDER

57
ATÉ O FIM
LUIZ GONZAGA LOPES

60
DECIFRANDO ÂNGELO
LUÍS DILL



“ *As políticas públicas devem gravitar sempre pelos ambientes do controle social e da participação popular.* ”

DO BERIMBAU AO CHIP

AS IMPRESSÕES DIGITAIS DA CULTURA NA SUPERAÇÃO DA BARBÁRIE

LAU SIQUEIRA

POETA E MILITANTE DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Iniciamos a segunda década do século XXI afinando coragens para novas provocações. O pensamento contemporâneo revela-se diante de um abismo de invisibilidades e nas possibilidades de um voo mais denso. Os avanços tecnológicos e o estremecimento das certezas filosóficas e científicas nos colocam mais uma vez diante da possibilidade de aproximar diferenças para diminuir desigualdades. Até que as utopias nos carreguem para o convívio de uma democracia real. As demandas das comunidades mundiais ainda são um desaguadouro de incoerências. As injustiças permanecem diante dos avanços tecnológicos. As rupturas provocadas pelos novos instrumentos nos fazem questionar para que tipo de sociedade estaremos caminhando e que relação estamos construindo entre as barcarolas e as grandes embarcações da representatividade coletiva, seja no âmbito governamental, seja na sociedade civil organizada.

As políticas públicas devem gravitar sempre pelos ambientes do controle social e da participação popular. Somente assim poderemos almejar efetividade e condicionamentos para que as máquinas públicas, muito especialmente, possam ser utilizadas como ferramentas do povo.

Mas jamais dos mesmos elos personalizados e selvagens dos poderosos donos da voz e do gesto que sustentam a cultura da submissão e do silêncio. Não há, portanto, qualquer ambiguidade no fato de estarmos buscando um caminho luminoso nas trevas do milênio. Devemos tratar todos os assuntos de competência pública no âmbito dos direitos sociais, na garantia que a acessibilidade irá prevalecer. Afora isso, estaremos apenas multiplicando uma modernidade sem novidades, amordaçada pelas mais antigas doenças da humanidade.

A revolução social que ainda alimenta as nossas utopias também possui alça de mira nas novas tecnologias e no que se poderá empunhar enquanto política pública, para que o acesso seja pleno e que ao menos alcancemos o que idealizava o poeta Mario Quintana: “democracia é dar a todos o mesmo ponto de partida. A chegada depende de cada um”. Entendemos que as políticas públicas para a cultura digital, em qualquer modelo de sociedade, não serão efetivadas caso não sejam observadas criticamente as nossas imensas contradições. Por exemplo, o Brasil não é absolutamente um país de leitores, mas é o décimo produtor de

livros do mundo. Temos um nível de ensino público bastante precário e poucas e ineficientes bibliotecas, mas o Ministério da Educação é o terceiro maior comprador de livros do mundo.

Portanto, ou partimos de uma conexão mais ampla ou faremos o debate sobre cultura digital a partir de uma perspectiva de poucos. Talvez, em alguns momentos, com alguma relevância até mesmo estética, mas absolutamente diluídos nos desmandos de uma sociedade que coloca dentro da mesma geografia cidadãos vivendo num padrão europeu e pessoas excluídas dos direitos humanos mais elementares. É certo que temos avançado a partir do governo do presidente Lula e de diversos governos estaduais e municipais, mesmo sem um projeto mais arrojado de transformação social. Este é, para nós, o vetor para pensarmos uma política pública para as culturas digitais que já invadem nossa pele com inovações fantásticas, mas com um invariável culto à volubilidade. Talvez o mundo contemporâneo nunca tenha se deparado com um confronto tão acentuado entre tradição e modernidade, em todas as direções e velocidades.

Vale indagar, neste momento, para que lado a rede balança e o que separa o berimbau do chip. São inquestionáveis os avanços, mas também é certo que o que sempre foi deplorável, permanece em pauta para as primeiras décadas da cultura digital. Juntamente com as grandes corporações midiáticas, migraram para a rede as maiores mazelas humanas como o racismo, a homofobia, a pedofilia, a violência contra a mulher e uma proliferação de insuportáveis webesteiras nada inocentes. Se pretendemos pensar a web como possibilidade democrática de comunicação e difusão cultural, não podemos esquecer que a era do rádio começou também com interatividade. Era uma tecnologia transmissora e receptora. Bertolt Brecht até sonhou com uma grande assembleia universal. Mas tudo acabou com o controle político dos meios de transmissão, e o rádio acabou sendo o principal instrumento de difusão, por exemplo, do nazismo e do fascismo. Esse enquadramento social e político da humanidade gerou os resultados que bem conhecemos. Como não pensar nessa possibilidade diante da cultura digital, se já temos a mídia condenada a concessões públicas que são uma farsa consagrada?

“ Não vai aqui nenhum pessimismo, mas um sopapo de reflexões que não permitem desvincular o avanço tecnológico das necessidades de uma raça que consegue conjugar a genialidade com a barbárie em um mesmo cartão de memória. ”

Não se trata, pois, de definir diferenças entre processos analógicos ou digitais. Ou, pior ainda, entre o impresso e o virtual. O que vale uma ponderação é o impacto social da extrema velocidade e da instabilidade das informações na era digital. Tudo é passado. Mesmo o futuro já é passado num tempo em que o ufanismo de alguns esquece que nem sempre o que é considerado novo deixou bons rastros. Não vai aqui nenhum pessimismo, mas um sopapo de reflexões que não permitem desvincular o avanço tecnológico das necessidades de uma raça que consegue conjugar a genialidade com a barbárie em um mesmo cartão de memória. A necessidade de inclusão digital não está distante da necessidade de inclusão nos bons conteúdos que existem desde Homero até a dura poesia concreta das nossas esquinas, onde ainda encontramos as mesmas crianças pobres que jogavam pelada com bola de meia nos anos 50, vingando o próprio abandono em pedras de crack.

Temos essa tendência aos rótulos, e espero que não possamos mais uma vez naufragar no artefato que é a cultura digital, enquanto instrumento de superação das péssimas colheitas que a humanidade vem colecionando — e que nos permitem, por exemplo, assistir à filmagem pela câmera de um celular da estupidez globalizada no assassinato de Kadafi, como um troféu macabro das redes sociais e do *YouTube*. Que a vida nos poupe de tantas catalogações do imponderável. Talvez em alguns séculos os blogs e sites representem apenas inscrições rupestres, com significado definido a duras penas pela arqueologia. Quem pode afirmar que a cultura dominante no século XXX será letrada com a digitalização da barbárie? Nada pode ser afirmativo na era da incerteza. Pouco importará se não tivermos ainda dimensionada a distância cultural entre um berimbau e um chip ou mesmo entre uma página da web e um palimpsesto, portadores apenas de uma

comunicação dominante, opressora, sangrada pelo espinho da crueza de novas gerações.

Estamos abordando apenas alguns aspectos de algo tão imenso e cuja apreciação mais exata talvez nos faça perceber que os poetas municipais de Caconde (SP), Arroio Grande (RS) ou de Santana dos Garrotes (PB) são universalizados pela Língua Portuguesa junto aos poetas de Maputo, Luanda ou Coimbra. Nossa pátria é nossa Língua, numa herança transmitida de Pessoa para pessoas. Sem dúvidas que o longe ficou mais perto. Ainda que isso não tenha representado a diminuição das distâncias entre seres humanos iguais com percepções e sensações diferenciadas do mundo. É verdade que as obras completas de Federico García Lorca cabem no meu pen drive, também é verdade que Pretinha, uma das maiores maratonistas do país, vende batatas na feira de Campina Grande. Portanto, não estamos absolutamente diante de uma revolução, mas de um paradigma bipolar.

“ *Mesmo o futuro já é passado
num tempo em que o
ufanismo de alguns esquece
que nem sempre o que é
considerado novo deixou
bons rastros.* ”

E AINDA SE PREOCUPAM COM O FIM DO LIVRO DE PAPEL...

LEONARDO BRASILIENSE
GUITARRISTA E ESCRITOR



Tudo o que eu disser aqui pode ser invalidado pelos fatos a curto prazo. Isso é história, não apenas possibilidade. A gente especula até que de modo criterioso, mas a realidade tem essa abertura ao inusitado, ao inimaginável a partir dos dados atuais, porque novos dados surgem e os panoramas mudam rapidamente. Qualquer problema de hoje pode não ter a menor importância amanhã.

Antes de falar sobre livro digital vou contar um fato: antigamente, os amplificadores de guitarra eram todos valvulados (lembram ou já ouviram falar dos televisores valvulados?). Pesados e caros, mas necessários e sem alternativas. Um dia um cara inventou o transistor e outro inventou de usar o transistor como base para o processamento do som num amplificador de guitarra. Eles ficaram mais baratos e mais leves. Mais adiante, já na era digital, outro cara inventou o simulador digital de amplificadores de guitarra. Agora o guitarrista pode ter vários modelos de amplificadores (clássicos ou novos) num único software, o que, além de tudo, facilitou o processo de gravação. Os amplificadores valvulados acabaram? Não. Eles continuam sendo objeto de desejo de todo guitarrista, embora continuem pesados e caros.

Por comodidade ou razões econômicas, muita gente usa os simuladores digitais, mas é consenso que nada substitui a sensação mecânica que se produz na interação da madeira do instrumento com a vibração das cordas e com o som “quente” produzido pelas válvulas e com os alto-falantes.

Parece que estou gastando muitos caracteres (e o editor da revista me impôs um limite para eles) falando de outro assunto. Mas acho que você me entendeu. Bem, e se entendeu direito, já sabe: esse consenso acerca do som “quente” das válvulas tanto pode durar para sempre quanto morrer em uma geração. Bingo.

Imagino que na passagem da pedra lascada ao papiro alguns questionamentos tenham sido parecidos com os atuais: ficou mais fácil “imprimir”, guardar e transportar o texto, mas seu armazenamento passou a ser mais frágil, e os olhos tiveram que se acostumar a ler em novas texturas. O papel ficou, e hoje é inimaginável alguém escrevendo e lendo em pedras (claro que tem louco tarado fetichista para tudo, vá se saber).

Para mim, o que se sobrepõe a qualquer polêmica é que as coisas não mudam por si, mas porque mudam as necessidades das pessoas. A questão do livro digital é apenas um subconjunto de outro bem maior: as pessoas estão transferindo tudo para o digital, o trabalho, o entretenimento, o contato com os amigos... Então, transferir para esse meio a leitura passou a ser uma necessidade. O que me preocupa mesmo é que as pessoas passem cada vez mais tempo em frente a uma tela de computador ou outro tipo de monitor do que voltadas para o mundo real (já assistiram ao *WALL-E*?). Nesse aspecto o livro digital até que nem é preocupante, porque não muda nada; ficar horas e horas lendo livros em papel também é uma forma de dar as costas para o mundo real (não estou questionando os méritos, os benefícios e a riqueza da leitura, apenas lembrando um fato); o problema é quando a telinha substitui o brincar na praça, o comer pipoca no cinema, o tomar chimarrão com o amigo.

Ainda tem gente preocupada com o fim do livro em papel?

E, como muito se diz: a necessidade de imaginar, de contar e ouvir histórias é anterior à mídia pela qual se satisfaz (falada, empedrada, empapelada, digitalizada). Anterior no tempo e também em termos lógicos.

Para sempre ou por enquanto.

ENTRE AS GALERIAS DA BIBLIOTECA DE BABEL

ERNANI SsÓ
ESCRITOR

“ A moça respondeu que plagiava quando queria, o quanto queria, quem queria e fim de papo. Outro disse que se caiu na rede é cópia. ”

A internet, se me permitem ser antiquinho, tem mais braços que o gigante Briaréu. É difícil saber por qual agarrá-la ou por qual evitar ser agarrado. Para o bem e para o mal, a mão de cada um desses braços se ramifica em dedos inumeráveis. Pra completar, a fera tem astúcia: enquanto nos faz um carinho com umas três ou quatro mãos, com outras três ou quatro nos revista o bolso, espanca e desorienta. Três ou quatro? Talvez trezentas ou quatrocentas. A internet é sempre no plural.

Vamos começar pelas mãos que afagam. Você não sabe quem é o gigante Briaréu? Digite no *Google* e saberá, em alguns segundos. O mais incrível nisso, me parece, é que alguém se deu ao trabalho de postar a informação. Alguém? Dezenas de abnegados. Nesse caso, mitologia grega, ainda se pode dar um desconto, mas há outros assuntos mais improváveis. Quase dá pra dizer que se pode encontrar tudo na internet, desde fotos de mulher pelada até simulações dos Jardins Suspensos da Babilônia, de um dicionário com os erros de revisão da primeira edição do *Quixote* a um manual sobre rinha de galos, de dados sobre buracos negros ao uso correto da crase, de futricas entre beldades da tevê a ofertas de transformar as cinzas do seu ente querido numa joia ou peso para papéis. Enfim, sabendo procurar, você tem à disposição uma biblioteca de referência que necessitaria de prédios suficientes para construir várias cidades caso fosse física.

Sem que eu quisesse, entre as mãos benignas se insinuaram algumas não muito santas. É bem provável que a maior parte do que há na internet seja irrelevante ou tendenciosa, ou mesmo idiota. Como diz o humorista Guaraci Fraga, ou penso que diz, já que cito de cabeça, a forma mais fácil de acumular besteira e perder tempo é clicando em “saiba mais”. Chato tudo isso, mas não espantoso, dada a matéria com que somos feitos.

Sei, nunca foi fácil se defender da ignorância e da desinformação. Mas, se lidamos com um livro ou um jornal, temos um autor ou um órgão pra botar contra a parede. No anonimato da internet, estamos perdidos na biblioteca de Babel do Borges, onde pra uma linha razoável ou uma notícia correta há léguas de cacofonias insensatas, de despropósitos verbais e de incoerências.

Agora, vamos ao que me trouxe aqui: e os escritores nessa contradição? A internet é muito boa para os mortos. Ou para nós, que lemos os mortos. Peguemos o Cervantes de novo. O *Quixote* está na rede como você quiser, desde uma edição fac-similar da primeira edição até edições comentadas de todos os tipos, sem falar na quantidade de traduções. Mais: tem também todo tipo de ensaios, artigos, resenhas, teses, palestras. Mais ainda: tem inumeráveis ilustrações. Mas, cuidado, meu bem: o mesmo texto aparece com erros diferentes, que vão desde palavras trocadas até frases faltando ou acrescentadas.

É pouco? Textos inteiros não são de quem se diz ser. Mas, nesse caso, os escritores vivos também se ferram. As atribuições falsas na internet se parecem um pouco com a literatura psicografada. Ateus se tornam cristãos praticantes, humoristas ferozes se tornam manteigas derretidas, grandes estilistas passam a produzir um texto definido pelo Edmund Wilson como sopa de serragem, eruditos passam a dar conselhos encontrados no *Almanaque Capivarol*. Assim vai. Está pra surgir a atribuição falsa ou o livro psicografado que esteja no mesmo nível do suposto autor, nem digo mais inteligente e mais espirituoso.

Bem, continuemos na companhia dos vivos. A internet pode ser boa para eles. Para mim tem

sido. Escritor pouco lido, militando mais em áreas consideradas de segunda classe — o humor e a literatura infantil —, tenho uma verdadeira enxurrada de publicidade gratuita na internet. O que fiz pra merecê-la? Nada. Editoras, livrarias, *blogs* e escolas, principalmente, tentam vender o meu peixe. Se eu tivesse jeito e menos preguiça, poderia me aproveitar disso.

Muitos escritores se aproveitaram. O melhor exemplo que me ocorre é Eduardo Spohr, o blogueiro do *Jovens Nerds*. Ele publicou seu romance, *A batalha do apocalipse — Da queda dos anjos ao crepúsculo do mundo*, pela Nerdstore, loja virtual do *podcast Nerdcast*. Vendeu mais de quatro mil exemplares. Então o grupo Record o publicou pelo selo Verus. Vendeu mais de cinquenta mil exemplares. Não preciso dizer que esse mesmo livro, se tivesse sido submetido à Record pelos canais competentes, não teria sido publicado. Se o livro presta ou não, não vem ao caso: interessa que Spohr, com custos mínimos, furou o bloqueio e encontrou seu público. Claro que para cada Spohr há dezenas e dezenas de fracassos.

“ Os medíocres, os idiotas, os dementes são legião. De modo que até bons autores correm o risco de não serem vistos jamais. ”

Agora, acho curioso esse caso. A edição eletrônica, apesar de barata, pelo visto tinha esgotado o número de seus possíveis leitores. Ou Spohr topou a edição em papel por ser mais prestigiosa? O fato é que no papel vendeu muito mais. Talvez com os tabletes a preços mais acessíveis o caso fosse outro.

Uma espiada nos *blogs* pode explicar o fracasso de tantos autores. A maioria é ilegível ou apenas um espaço para o egossauro ronronar e abanar o rabinho, como disse não lembro quem, ou as duas coisas ao mesmo tempo. O diabo é que os jornais, *online* ou no papel, não publicam nada muito melhor, não. Até editoras com prestígio publicam montes de porcarias. Quer dizer, as publicações sem critério nenhum na internet não são muito piores que as publicações que passaram pelo filtro de editores profissionais. Mas são em maior volume, infinitamente maior: os medíocres, os idiotas, os dementes são legião. De modo que até bons autores correm o risco de não serem vistos jamais.

Vejamos agora um *blog* de sucesso, considerado por muitos como o melhor no ramo: o *Todoprosa*, do Sérgio Rodrigues. Ele teve visibilidade porque começou na revista *NoMínimo*, cheia de gente conhecida. Agora está na *Veja*. Outra coisa é que o Sérgio lida com informações, não com o próprio umbigo, o que amplia o interesse, confere? Parece lógico que os leitores do *blog* se interessem pela obra do Sérgio. Mas, espiando a caixa de comentários, comecei a suspeitar que eram leitores do *blog*, não dos livros dele e, em muitos casos, de quaisquer outros, a julgar pelos textos confusos e cheios de erros. Curioso, perguntei ao Sérgio e, surpresa, ele suspeitava a mesma coisa. Tanto que nenhum dos leitores do *blog* apareceu num dos lançamentos que foi anunciado ali.

Outra mão perigosa da internet é a mão leve, aquela que pirateia. Depois que me avisaram, fui dar uma olhada e descobri que muitos contos meus foram copiados dos livros e postados em *blogs*. Pelo menos dois livros foram digitalizados e estão lá, faceiros, acima da legenda: *download*

free. Guaraci Fraga tem frases plagiadas todos os dias. Ele confrontou uma plagiadora. A moça respondeu que plagiava quando queria, o quanto queria, quem queria e fim de papo. Outro disse que se caiu na rede é cópia. Eu não sei bem onde vai parar esse descaramento, como também não sei quanto custa um advogado especialista em direitos autorais.

Pode ser que, quando o prejuízo financeiro for maior, se tome alguma atitude. Imagino que isso está para acontecer com o livro eletrônico. Falei com gente que manja de eletrônica pra saber se se pode dar um jeito de copiar um livro de um tablete pra outro. Claro, me responderam. Não existe código que não possa ser quebrado. É simples: se alguém fez, alguém desfaz. E uma cópia dessas não é exatamente o mesmo que emprestar um livro para um amigo. As cópias têm a tendência de se multiplicar, mais ainda se caírem na rede. Preparem-se. Barbarroxa era um bebê.

Não se trata evidentemente de mesquinaria ou da ânsia sórdida de barrar a livre circulação de ideias e informações. Não, o buraco é mais embaixo: quem paga as contas do supermercado? Um escritor, como um electricista, um advogado, um médico ou qualquer outro profissional, tem o desplante de querer viver do próprio trabalho. Ou pelo menos sobreviver. Um livro pode não ser produto de primeira necessidade, como pão e leite, mas seu roubo também é crime. Quer dizer, se o livro não é um gênero de primeira necessidade, o roubo dele é mais crime que o roubo de um pão ou de um litro de leite.

Agora, é inegável que o livro eletrônico tem suas vantagens, como economia de espaço, preço mais acessível, ser à prova de traças, possibilitar a busca de frases ou palavras. Enfim, tudo isso a que os computadores nos habituaram. Tudo? Logo que os computadores entraram na moda, Millôr Fernandes disse uma bela frase: livro não enguiça. Pois é. Agora já enguiça.

O MODELO DE NEGÓCIO DO LIVRO DIGITAL

MARCELO SPALDING

JORNALISTA, ESCRITOR E PROFESSOR DA UNIRITTER

Muito se tem escrito e falado, nos últimos anos, sobre o livro digital. Muitos editores, alguns escritores e certos leitores preocupam-se com o futuro do livro, da leitura, da literatura, inclusive misturando três categorias distintas, já que há leitura e literatura para além dos livros, embora o livro, por muitos anos, tenha sido o depositário de ambas. Felizmente, a discussão já avançou em diversos pontos: já não se questiona, por exemplo, a presença do livro digital. Há um ponto central, porém, que tem travado o livro digital, ou *e-book*, aqui no Brasil: seu modelo de negócios.

Numa situação ideal, o que o *e-book* promete para o leitor é uma cena mais ou menos assim: Sandra quer comprar o mais recente lançamento de Umberto Eco, *Praga*. Lê algumas críticas de amigos e especialistas no editora que o publicou e vai para o seu site, onde faz um breve cadastro, clica em comprar e recebe na mesma hora a versão digital do livro (que pode ser acessada no seu *tablet*, *PC*, *e-reader* ou no *smartphone*). Tudo isso por R\$ 9,99.

Tecnologicamente, isso é possível, embora o medo da pirataria ainda atrapalhe a simplificação do funcionamento desses arquivos, que exigem softwares específicos para cada plataforma. Economicamente, R\$ 9,99 é um valor razoável, se levarmos em conta que os grandes custos do livro, hoje, são impressão, distribuição e armazenamento, três itens que ficam praticamente zerados quando se fala em livro digital. Mas o parágrafo acima, como se sabe, ainda é ficção, pelo menos no Brasil.

Primeiramente, não há versões em *e-book* de *O cemitério de Praga* nos sites das grandes livrarias. Nas mega-livrarias, quando há uma versão em *e-book* de determinado lançamento, ela é cara. Peguemos como exemplo a biografia de Steve Jobs escrita por Walter Isaacson: compra-se a versão impressa por R\$ 37,20 e a digital por R\$ 28,90. Na Amazon americana, compra-se o mesmo livro por U\$ 17,50 na versão impressa e U\$ 11,99 na versão digital.



O cemitério de Facebook, clica num *banner* da

editora que o publicou e vai para o seu site, onde faz um breve cadastro, clica em comprar e recebe na mesma hora a versão digital do livro (que pode ser acessada no seu *tablet*, *PC*, *e-reader* ou no *smartphone*).

Como mencionamos acima, os grandes custos do livro são impressão, distribuição e armazenamento. Assim, mesmo preservando-se os 10% de direito autoral sobre o preço de capa do livro impresso e, digamos, 20% de margem de lucro para a editora e outros 20% para a livraria (ainda sonho com um terço para cada um, mas isso é sonho, eu sei, escritor não tem ação em bolsa), o livro digital deveria custar pelo menos metade do preço do livro impresso!

O problema não é simples, mas podemos dizer que começa pela falta de leitores. Façamos as contas. Uma editora prevê faturar R\$ 20.000,00 com determinado título. Não é exatamente um lucro, já que uma editora tem diversos custos fixos, administrativos, de divulgação, de produção do livro (capa, design), etc. Esqueçamos aqui, por enquanto, os custos de impressão e distribuição. Ela calcula que venderá dois mil exemplares do livro a R\$ 30,00, com uma margem de mais ou menos R\$ 10,00, tirando o direito autoral (10%), a livraria e a distribuidora (55%). Por óbvio, ela poderia baixar o preço pela metade e vender quatro mil exemplares com margem de R\$ 5,00, totalizando os mesmos R\$ 20.000,00. O problema é que não estamos falando de tênis esportivos ou maquiagens, e sim de livros, e o número de compradores de livro não irá dobrar de um dia para outro apenas porque o preço caiu pela metade: para haver compradores de livros é preciso haver leitores, leitores dispostos a pagar por ele sejam cinco ou dez reais.

Afora a questão editorial, há a livraria. Hoje apenas as mega-livrarias têm tecnologia para vender livros digitais com proteções contra a pirataria (o chamado DRM). Com isso, dois ou três grandes grupos formam preços de forma conjunta e não interessa a eles baratear demais o livro digital, já que sua margem de lucro será maior caso venda o livro impresso. Até porque, quando houver uma forma mais fácil de implantação de DRM em arquivos digitais, as próprias editoras poderão vender seus livros diretamente, evitando intermediários.

Aliás, seguindo essa lógica, será comum, e já temos diversos exemplos disso, que o próprio escritor monte seu livro em uma versão digital e publique-o no seu site ou *blog*, assim como músicos fazem hoje com seus arquivos MP3s. O que dificulta essa ação, hoje, é o medo da pirataria e a dificuldade de divulgação.

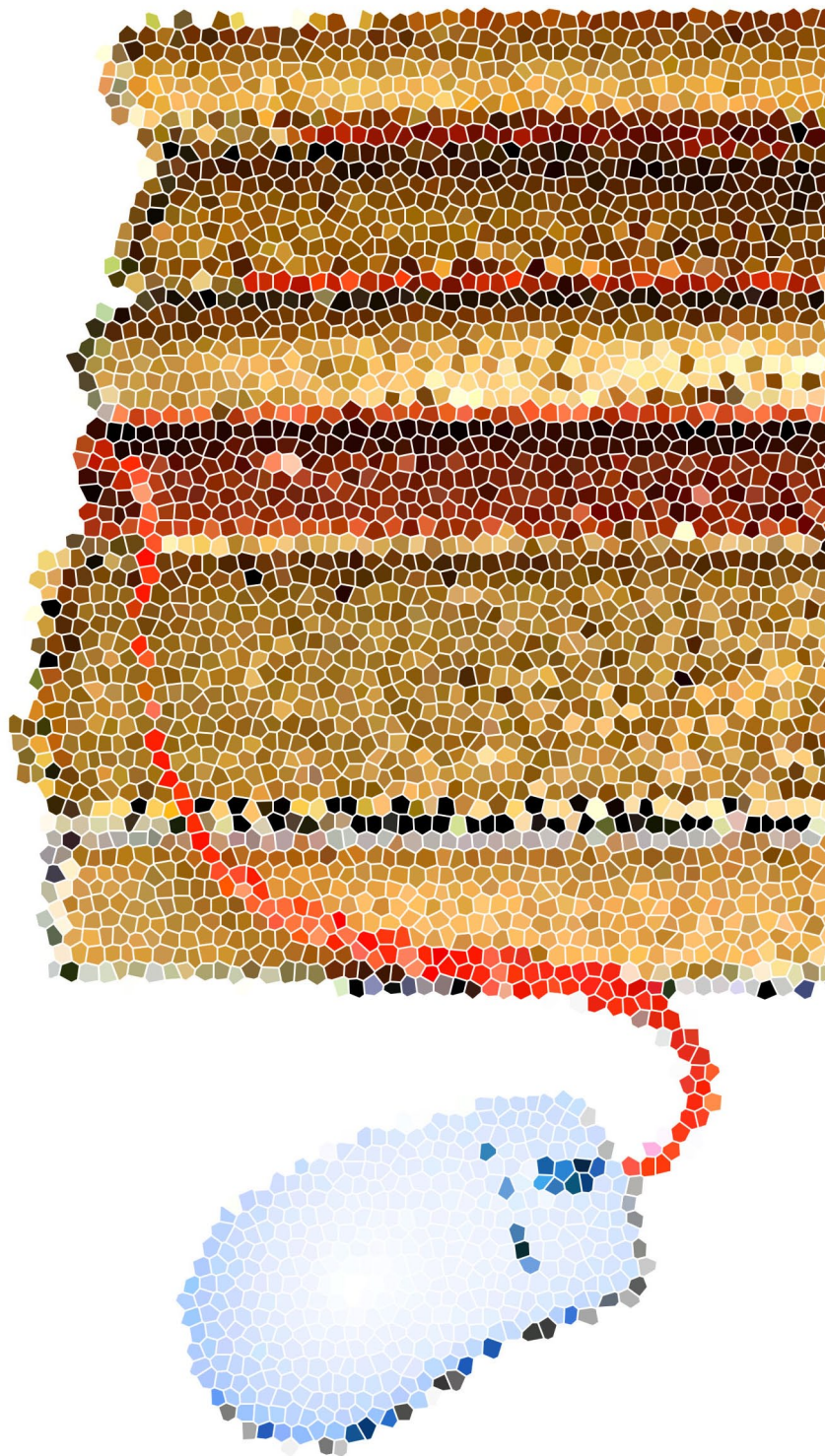
Quanto à pirataria, o problema é que não é tão simples implantar um DRM, então, se o escritor simplesmente enviar um PDF para seu leitor, corre o risco de vê-lo publicado num site ou *blog*. Há formas jurídicas de se evitar isso, e para escritores iniciantes ou que ainda buscam espaço em grandes editoras talvez seja mesmo a melhor saída neste momento. Mas aí temos o segundo grande empecilho: um leitor casual encontrar seu livro na internet é, com o perdão do clichê, tão provável quanto encontrarmos agulha em palheiro. O que não ocorre numa livraria física, quando o leitor pode, por acaso, se encantar pelo título ou pela capa de seu livro e levá-lo para casa sem nunca ter ouvido falar nele ou no autor.

(Permitam-me um parênteses: uma forma de diminuirmos essa dificuldade do autor iniciante ser encontrado, de catalogação, digamos assim, é a criação de uma grande livraria/biblioteca de livros digitais. E insisto com isso neste artigo porque, aqui no Estado, ninguém melhor do que o IEL para tocar um projeto desses. A ideia é um catálogo *online* com livros publicados em versão digital, um catálogo mediado com critérios qualitativos, como revisão ortográfica, conteúdo não ofensivo, respeito a direitos autorais – controles mínimos que o *Google* não consegue fazer – e recorte regional, no caso de ser um projeto do IEL.)

“ Afora a questão editorial,
há a livraria. Hoje
apenas as mega-livrarias
têm tecnologia para
vender livros digitais
com proteções contra a
pirataria. ”

Eu, particularmente, disponibilizei alguns de meus livros gratuitamente em meu site, mas confesso que deixei minha literatura infantojuvenil nas mãos de uma editora, pois é a única forma viável financeiramente de continuar produzindo literatura, reservando horários para palestras, etc. É um fato, entretanto, que os livros publicados em meu site são mais lidos e comentados do que meus livros impressos, o que é também um capital importante para o escritor. Afinal, é como eu sempre digo, livros não rendem dinheiro, mas livros rendem prestígio, e prestígio rende dinheiro. Então se você não for Umberto Eco, talvez seja mais interessante simplificar o acesso a seu livro, aproveitando-se das novas tecnologias, do que insistir no modelo de negócios tradicional.

Para terminar, já que comecei com uma historinha fictícia, mas verossímil (e que em breve será realidade), fecho com outra: Sandra, depois de uma semana de insônia lendo o romance de Eco, termina sua leitura e corre para as redes sociais para comentar a obra com os amigos. Numa dessas conversas, descobre o livro de um desconhecido autor do Pará que produziu belo ensaio sobre a obra de Eco. Interessa-se pela obra, acessa o *blog* do autor e compra um exemplar em *e-book*. Um mês depois, resolve presentear sua orientadora de Mestrado com o livro do autor paraense, mas numa versão impressa. Acessa o site da livraria de seu bairro, solicita o livro tal pelo número do ISBN e recebe um aviso de que em uma semana o livro estará pronto, sendo enviado para sua casa ou à disposição na loja. A livraria do seu bairro, como todas as outras, agora imprime as edições digitais em máquinas expressas por um pequeno valor, entregando a brochura com capa, folha de rosto, orelha e tudo mais. Fácil como hoje se revela fotografias. Ou se grava CDs. [www.marcelospalding.com.br]



LIVRO IMPRESSO OU DIGITAL: O BEM E O MAL?

CELSO GUTFREIND

PSICANALISTA E ESCRITOR

Como pensar sobre as relações entre a criança e o livro digital? São boas? Ruins? Mais ou menos? Tanto faz livro impresso ou digital?

Para tentar responder com propriedade, pode-se ir à busca do que aprendemos nos livros impressos, mas estes ainda não abordaram um assunto tão novo. Pelo menos não diretamente.

Então, é preciso esperar — e, para a espera, carece aquilo que Bion escreveu em livro de papel, no século XX, sobre o que denominou como a capacidade negativa: “Várias coisas se encaixam em minha mente, e de repente me ocorreu que qualidade contribuía para formar um homem realizado, especialmente em literatura, e que Shakespeare possuía tão desmesuradamente — quero dizer, a capacidade negativa, isto é, quando um homem é capaz de manter-se em incertezas, mistérios, dúvidas...”

O texto não é do psicanalista Bion, mas do poeta inglês John Keats, que também o colocou em papel, no século XIX, para, mais tarde, servir ao companheiro. Tratava-se de uma carta, esta mesmo, de selo e correio, e



quem a conduzia era a carroça. Muda que hoje vão por sedex e via aérea? Muda que hoje tenham cedido lugar aos *e-mails*? As mensagens eletrônicas não podem conduzir conceitos robustos como esse?

E dê-lhe capacidade negativa para aguardar respostas mais positivas a perguntas como essas.

Sobre as tecnologias, portanto, enquanto sabemos pouco, ou algum poeta não se pronuncia, vale ainda a máxima do psicanalista Michel Soulé, em livro de papel, sobre a televisão, tecnologia do século passado: ela vale o quanto valem os pais.

Este célebre pensador da psicologia já havia se dado conta de que as tecnologias — era a era da televisão — poderiam ser benéficas se os pais soubessem utilizá-las.

Utilizá-las — o filtro agora é meu — significava filtrá-las, separando o joio do trigo da programação e, sobretudo, não se trocando pela máquina. Nada mais efetivo do que a presença dos pais, e só esta poderá promover ausência no sentido de, um dia, a criança filtrar por ela mesma. E ser autônoma, autora, viva. O primeiro andar de uma pessoa não é apenas o seu arcabouço, com células, substâncias, neurônios; é também a subjetividade, e esta só pode vir de outras pessoas, que a desejem, a olhem, a toquem, se importem com ela e para ela emprestem a sua capacidade de pensar e de sentir. A solidão e o abandono, no começo da vida, engendram a loucura e não a arte.

Logo se vê que estou me agarrando ao que aprendi nos livros de papel, assim como na vivência pessoal e clínica, mas pouco importa. A questão está acima disso, ou melhor, está antes.

Ela se refere ao suporte da leitura, mas só se pode falar em suporte e leitura se houve a construção do leitor. As frases são como a vida e ainda começam pelo sujeito.

Ora, apesar do que muitos livros impressos ou digitais nos contam, penso que um leitor se constrói, ainda, no primeiro andar desta pessoa. Não é feito de papel, nem de bytes. Não é de livro, tampouco de tela. É de carne, corpo, alma e começa com muito desejo e muito olhar. Com a poesia do encontro, como sugeriu Ernesto Sabato. Sim, a poesia em vida, com ritmo, sonoridade, atenção conjunta, naquele “estar com”, tão bem descrito por Daniel Stern. A imagem que este psicanalista coreógrafo utilizou foi a da dança.

Porque bem ali estão os três canais principais de uma interação entre pais e filhos: o olhar, o toque.

E, parágrafo à parte, para nós aqui e agora, a voz. O banho materno de palavras, com som e sentido, que atende a esta meia dúzia de necessidades básicas: sentir-se desejado, cuidado, querido, iludido, existindo com certa continuidade para, no futuro breve depois de uma infância eterna, suportar as decepções. E refazer-se para durar.

Essa voz conta histórias o tempo inteiro. No começo, narrativas fragmentadas, misturadas com a poesia. Histórias estranhas, como a da troca de uma fralda, ou a de uma mamada, ou a de um objeto, ou a de uma origem. Ali contam mais o olhar e a prosódia do que o conteúdo. O conteúdo pode ser



banal, mas o olhar, não. É uma história de amor, que, para Quintana, são todas as histórias. E o amor, convenhamos, antes de ser cantado e, mesmo depois, nunca é banal.

Devidamente acolhida pela poesia, esta criança amada agora quer contar e ouvir histórias. Um ou dois encontros a mais, e ela poderá sair em busca de suas próprias tramas. Enfim, tornou-se um leitor, este que, do ponto de vista afetivo, nada mais é do aquele que hoje consegue ler sozinho, ou seja, com a mãe por dentro. Já pode fazer quase a mesma coisa que ela fazia quando ele ainda não era capaz de fazer por conta própria.

Quase a mesma coisa, porque agora a autonomia é maior. Pode-se escolher e ir à delícia de buscar as histórias a partir dos próprios recursos.

Bem, esta mãe — e, depois, os educadores — já haviam indicado o caminho da casa dos livros. Ali estão eles, impressos, no século XIX do Keats e no XX do Freud e do Bion. Agora, no XXI, também são digitais.

Faz diferença?

A meu ver, para um leitor já construído, sim e não. Ora, estamos falando de livros, ou seja, da vida, e a vida é esta barafunda prazerosa e dolorosa, cheia de paradoxos.

Sim, porque os pais, como os americanos, souberam superar a pequenez de seu cinema contemporâneo e tentaram transmitir para os filhos a sua própria paixão pelo veículo tradicional de transmissão narrativa. “Conta as histórias que te habita”, costuma sugerir o especialista em contos infantis, Pierre Lafforgue. E estes pais e tantos outros, nascidos no século XX, são habitados pela paixão de folhear, cheirar, tocar realmente, transportar um livro como quem transporta um homem (Whitman).

Mas também não, porque talvez já não importe se a história mora na rua, na cidade, na praia, em condomínio fechado, gradeado ou aberto. Importa que ela seja encontrada e lida. E ela ainda o é, embora o seja de forma diferente, no século XXI.

Agora é dar um tempo a fim de ver o que a prática dirá da teoria que há de vir em livros impressos e digitais. Fazer como o Bion, o Keats e o Shakespeare, criadores raros e repletos de capacidade negativa, esta possibilidade de aguardar uma resposta. Enquanto isto, que venham as histórias, não importa de onde. E, claro, que siga operando em riste aquela velha tecnologia do livro feito de olhar e carne, folheado na pele, na voz, no amor dos pais.

UMA QUESTÃO DE DEMANDA

RODRIGO ROSP

ESCRITOR E EDITOR, SÓCIO DA
DUBLINENSE E NÃO EDITORA

Muito tem se falado sobre vantagens e desvantagens do *e-book*. É consenso a facilidade que envolverá principalmente a distribuição, tida como a maior dificuldade do livro impresso para todos que não são os grandes do mercado. O problema maior disso tudo — me parece — é a ilusão que pode estar sendo gerada (ou potencializada). Afinal, há um problema maior que a distribuição, que é a demanda.

O livro eletrônico permite, por exemplo, que, pagando apenas um tradutor, eu tenha uma edição em inglês do meu livro. Mas fica a pergunta: como gerar a demanda desse produto? Qual a chance do meu livro vender um exemplar sequer dessa tradução nos Estados Unidos ou na Inglaterra (ou em Botswana, tanto faz)?

Com as facilidades do livro eletrônico, um fenômeno que já vem acontecendo hoje deve chegar a patamares ainda maiores. O que se vê de uns anos para cá é uma explosão de publicações, dada sobretudo pela queda nos preços de impressão. Hoje, a quantidade de livros que chega às livrarias (e a que sequer chega) é muito maior do que o público é capaz de absorver — assim, salvo os poucos títulos que recebem uma atenção da mídia, o que se vê é uma produção de alcance limitadíssimo.

Esse é um cenário que já preocupa hoje, independentemente da chegada do livro eletrônico. Agora, é possível imaginar que, sem os custos de impressão, a quantidade de livros sendo lançados será muitas vezes maior. Assim, mais e mais livros irão dividir uma fatia de leitores

que cresce devagar (e não há indicativos de que o formato eletrônico venha a gerar mais leitores).

Então, agora, você poderá estar à venda em todos os lugares. Mas todos os outros também estarão à venda em todos os lugares. É preciso ter claro que a solução logística do livro eletrônico não é solução, e que as preocupações em gerar demanda, em divulgar, em caprichar ainda mais no produto, em trabalhar e trabalhar e trabalhar o texto até alcançar o máximo de qualidade — enfim, tudo que é necessário para brigar pela venda de livros impressos — serão ainda mais importantes no *e-book*.

Tendo isso tudo claro, o livro eletrônico é maravilhoso. Como leitor, posso: carregar diversos títulos no meu *tablet*; fazer todo tipo de marcações sem danificar o livro; fazer busca por palavras e expressões. Como editor, posso: me livrar das entregas via correio e transportadora; parar de carregar caixas de livros; organizar e ler originais mais facilmente. Como escritor, posso: ser traduzido para o inglês (é brincadeira, mas o ambiente digital sem dúvidas permite diminuir distâncias).

Tudo bem que ainda há alguns reveses no uso do *e-book*. É preciso instalar uns programas, é meio chato de baixar os livros, enfim, leva-se um tempo até pegar o jeito. Mas isso é bem parecido, ao menos para mim, com a prática de compras eletrônicas na segunda metade dos anos 90. Muita gente tinha medo, dificuldade, achava que tinha que preencher coisa demais.

Feita a primeira compra e recebido o produto em casa, foi-se a barreira. Imagino que seja assim com o livro eletrônico.

Atualmente, a oferta de *e-books* ainda é limitada, mas todo dia surge a notícia de novos títulos sendo convertidos. É provável que, em pouco tempo, quase todos os livros existam em formato eletrônico. Então, sem as barreiras de logística e distribuição, ficará claro que o principal desafio em relação ao livro, seja eletrônico ou não, é uma questão de demanda.

TRÊS NOTAS SOBRE OS *BLOGS**

CHARLES KIEFER

ESCRITOR

1

Todo produto cultural – ainda o mais alienado e superficial –, oculta na sombra da aparência a massa sólida e substancial que o projeta. A um olhar rápido, e que não penetra a matéria observada, os *blogs* não passam de “trenzinhos-elétricos de diversão do ego”, onde adolescentes desorientados estariam fazendo mera catarse, como têm dito aqueles que condenam, geralmente sequer sem conhecer, essa nova forma de expressão.

Num certo aspecto, a acusação é verdadeira. Nesses novos espaços de comunicação, o ego passeia – como passou, solene, na tragédia áurea, na lírica clássica e no drama burguês – porque o texto real ou virtual é a casa do ego, onde o ser lança os seus fundamentos. E no labirinto do ego devorador é de pouca ou de nenhuma importância a diferença entre a dor de Homero e a angústia de uma estagiária de comunicação.

É bom que o ego passeie pelos *blogs*, e que se expanda, e que se desnude, especialmente nesta fase fundadora, de pura *ex-pressão*, quando o

que é quer vir para fora, embora saia apertado, e abaixo de vaias. De tanto mostrar-se, a expressão, no choque permanente contra o leito do rio da experiência, arredondará as suas formas, polirá as suas arestas, e se transformará em arte. (O que chamamos de Homero é a lenta sedimentação de um processo popular polifônico, que a tardia gramática helenista transformou em modelo de “bem-escrever”.) E então, o olhar apressado há de deter-se sobre o novo objeto e será capaz de admirá-lo.

Em sua protoforma, os *blogs* “parecem” ser a escória de uma civilização voyeurística, o destilado mais recente da tecnificação absoluta. No entanto, como à natureza apavora o absoluto e as afirmações categóricas, ela própria se encarregará de se vingar, transformando, ainda uma vez, o periférico e marginal em central e integrado, de tal forma que os *blogs* poderão vir a ser a mais autêntica forma de expressão artística do século XXI.

2

Mais que a emergência de uma nova forma artística – nova em seu suporte material (não mais o velino, o papiro, o papel de pano ou de celulose, mas o plasma de elétrons) e nova também em seu modo de expressão, em sua linguagem, em seus temas – o *blog* é a objetivação de uma nova subjetividade. Assim como o diário primitivo era produto da necessidade de instauração da individualidade que as forças produtivas da industrialização geravam (para desenvolver-se o capitalismo necessitou de uma bem-constituída noção de individualidade), o *blog*, no estágio avançado do capitalismo contemporâneo (em que toda a manifestação cultural transforma-se em mercadoria), é também produto de uma nova necessidade: a da diluição e destruição da noção de identidade nacional e, no limite, da noção de identidade pessoal. Não por acaso, ao mesmo tempo em que se multiplicam vertiginosamente

a criação e o consumo da nova forma artística, destroem-se impiedosamente os fundamentos do Estado-Nação – a moeda nacional, o direito de autodeterminação – sob o rolo compressor da globalização. Sob os escombros da velha ordem jurídica internacional, inicia-se a partenogênese da identidade planetária. O *blog* é o sintoma, a aparência, a mimetização desse processo. O ego do diário era um ego pudico e recatado, que se escondia nas páginas de um caderno, acessível somente ao autor, quando não chaveado ou escondido em porões e sótãos; o ego do *blog* é um ego promíscuo e voyeurista. O primeiro, assinava o próprio nome; o segundo, esconde-se – em geral – sob pseudônimo.

Há, ainda, nesse novo ego, um certo acanhamento, uma saudade de sua antiga ética, mas não por muito tempo. O admirável ou detestável mundo novo está, enfim, nascendo. Ou já nasceu. Intuído por Shakespeare, que viveu no princípio da emergência das novas forças sociais que originariam a burguesia industrial, o *brave new world* realiza-se agora, sob os nossos teclados (como um desesperado partisan, produz esta

reflexão à mão, a provar, nem que seja para mim mesmo, que as antigas formas estéticas não desaparecem, mas que convivem com as novas, complementam-se, transformam-se). A literatura criou, nos últimos séculos, poderosas imagens mitopoéticas – o amor romântico, a paisagem, o autorretrato (a deuses e heróis mitológicos, símbolos da aristocracia, a burguesia preferiu pintar-se a si mesma), o detetive, o viajante espacial, o flâneur, o boêmio revolucionário. E a literatura vai criar, com maior rapidez, novas imagens, cujas configurações não podemos ainda descrever, mas que já podemos pressentir. Se olharmos para os *blogs* sem preconceito, sem rigidez e sem pressa, poderemos distinguir neles formas larvares, embrionárias, de uma nova subjetividade. A Idade Média produziu toneladas de romances de cavalaria, mas um único *Dom Quixote*. Milhares de páginas de folhetins foram escritas no Brasil do século XIX, mas só um *Dom Casmurro*. O próximo *Dom...* nascerá nas infinitas páginas dos *blogs*, *chats* e *sites* e redimirá aqueles que hoje perdem tempo examinando os jardins que se bifurcam na Infovia.

3

Será que há, mesmo, algo de novo aqui? Num primeiro momento, nos primórdios da rede, suspeitei que sim.

Hoje, começo a pensar que o texto na internet não passa de “texto latente”, embrião textual encapsulado, como se no útero, à espera do instante em que virá à luz, ou seja, será publicado em livro.

Partimos das tabuletas de argila, na Mesopotâmia, passamos pelo papiro e pelo velino, no Egito e na Palestina, ficamos longo tempo aprisionados no papel de pano e no papel de celulose, na Europa, tentamos o papel de fótons, em Nova Iorque, e retornamos ao papel de celulose, em qualquer lugar do mundo.

Ou alguém teria a coragem de se anunciar “escritor” sem livro publicado? Escritor de *blog*?

Imaginemos, durante uma feira de livro, um “autor” abrindo um *laptop* e chamando o público para ver “seu” livro no monitor...

Não, ainda não. Ainda não é possível ser escritor somente em *blogs*. Nem sabemos se um dia será...

Talvez o *blog* seja isso mesmo: um espaço de treinamento, um espaço-gaveta, onde guardamos os nossos originais até a chegada da hora de fazermos a seleção do material para a publicação em livro, com capas, orelhas e cólofon.

O cinema não matou o teatro. A internet não matará o livro. O mundo das formas é infinito. E, uma vez criada, uma forma se torna indestrutível. Falar nisso: quantos rolos de papiro temos em casa?

Não nos livraremos dos livros tão cedo. Nem dos blogueiros.



PREÇO FIXO, AGENCIAMENTO E DIREITOS AUTORAIS. E AS LIVRARIAS NO MEIO*

FELIPE LINDOSO

JORNALISTA, TRADUTOR, EDITOR E CONSULTOR
DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O LIVRO E LEITURA

Recentemente foi publicada a notícia de que a Comissão Europeia estaria iniciando um procedimento investigativo para verificar se o modelo de “agenciamento” na venda de *e-books* estaria ou não infringindo a legislação comunitária que protege a livre concorrência. A investigação da CE abrangeria inclusive a possibilidade de um “conluio” entre a Apple e as grandes editoras americanas (algumas das quais, hoje, pertencem a conglomerados europeus) para controlar o preço dos livros. Em resumo, a acusação era de cartelização.

Preocupo-me com certos aspectos da comercialização de livros físicos, notando como os descontos cada vez maiores (além de vantagens adicionais) exigidos pelas grandes cadeias tendem a puxar o preço dos livros para cima, disfarçando esse fenômeno com os descontos oferecidos no varejo — pelas grandes cadeias — e efetivamente jogando para fora da competição as livrarias independentes, incapazes de competir nesse jogo, particularmente no caso dos livros que entram na lista dos best-sellers (ou que já são “desenhados” para a lista).

Com a entrada dos *e-books* na equação, a decisão da Comissão Europeia pode permitir uma revisão geral do assunto.

Rápido repasse da situação aqui, no que diz respeito a preço e direitos autorais: o autor e a editora negociam o percentual de direitos autorais. Embora eu diga “negociam”, essa relação se dá em bases mais ou menos preestabelecidas. Para os livros vendidos em livrarias, a porcentagem geralmente é de 10% sobre o preço de capa, o “preço oficial do livro”. Para edições especiais, o que geralmente significa vendas governamentais, os direitos autorais oscilam entre 6% e 10% do valor bruto recebido pela editora. Às vezes existem escalas progressivas relacionadas com a quantidade de exemplares vendidos.

A relação entre editora e livrarias se dá através do desconto sobre o “preço de capa”. Digamos que em média esse desconto seja de 50% sobre o preço de capa. A livraria pode vender o exemplar pelo preço que desejar, repassando ou não parte desse desconto para o consumidor final.

Sobre esse desconto de 50% a editora deve cobrir todos os seus custos fixos e variáveis e eventualmente ter lucro. É bom lembrar que desses 50% recebidos por cada exemplar vendido, 20% correspondem aos direitos autorais (10% de 100 correspondem a 20% de 50). O resto inclui os custos de editoração (que inclui tradução, se for o caso), impressão e acabamento, logística (armazenamento e distribuição), e custos administrativos. Nem vou tratar aqui da questão eventual de adiantamentos, sempre presentes nas traduções, e cada vez mais presentes (mas ainda não como regra geral) na edição de autores nacionais.

Ou seja, no mercado brasileiro, autores e editores lidam basicamente com duas faixas de preços e porcentagens diferentes de direitos autorais, a saber, nas vendas para o mercado em geral e vendas para o governo. Evidentemente, no caso dos livros didáticos, a segunda equação é predominante.

Na Europa e nos Estados Unidos (principalmente neste último) a equação é mais complicada, em razão de uma segmentação do mercado muito mais complexa. Os títulos geralmente são lançados como *hardcovers* (capa dura), em edições que se destinam ao público em geral e também para o mercado de bibliotecas públicas, por lá muito mais significativo que aqui. Depois de certo tempo, o editor produz nova edição em *paperpack*, os livros de bolso, com preço inferior. Finalmente, existe a possibilidade de lançamento de um terceiro formato, o *mass market*, com papel inferior, mancha maior e corpo eventualmente menor. E preço menor, é claro. Os três tipos de edição podem coexistir, principalmente no caso de grandes best-sellers e aqueles que se transformaram em filmes de sucesso.

O esquema de comercialização é muito semelhante ao daqui: as editoras vendem com desconto para as livrarias e outros pontos de venda, que decidem qual o preço que cobrarão dos clientes finais. A grande diferença está nos tipos de pontos de venda: *hardcovers* são vendidos nas livrarias tradicionais, físicas, e pelo comércio eletrônico; *paperbacks*, além de vendidos em algumas livrarias, são comercializados em livrarias de aeroporto, supermercados e *discount stores*. O último segmento é vendido essencialmente em quiosques de jornais e supermercados e grandes lojas.

O escalonamento no tempo dos lançamentos de diferentes formatos é acompanhado pela diminuição do preço de capa. De certa forma, pode-se dizer que o leitor de *hardcover* paga, além do livro de qualidade melhor, também um prêmio por ter acesso mais rápido ao título lançado. Quem não tem pressa espera o livro de bolso.

“ O autor e a editora negociam o percentual de direitos autorais. Embora eu diga ‘negociam’, essa relação se dá em bases mais ou menos preestabelecidas. ”

“ No mercado brasileiro, autores e editores lidam basicamente com duas faixas de preços e porcentagens diferentes de direitos autorais. ”

O sistema de comercialização de *e-books*, no início, se deu de modo muito semelhante aos dos livros físicos. Os editores obviamente estabeleciam o preço levando em consideração a diminuição dos custos de impressão e armazenamento, devolução de exemplares, logística de distribuição, entre outros itens. Mas entregavam os livros do mesmo modo: a partir do seu preço de capa (geralmente mais próximo da versão *paperback* que da versão *hardcover*). E o vendedor vendia pelo preço que desejasse.

Mas a expansão dos *e-books*, nos Estados Unidos principalmente, se deu com a intervenção de uma empresa gigantesca, a Amazon. Esta já era a maior vendedora de livros de papel dos EUA. Quando lançou seu *e-reader*, o *Kindle*, é que o fenômeno do livro eletrônico efetivamente começou a deslançar.

E a Amazon usou o *Kindle* com uma visão estratégica em duas direções: a) queria que seu “leitor” fosse o meio predominante de acesso aos livros eletrônicos; b) queria que o comércio de livros eletrônicos fosse feito predominantemente através da própria Amazon. O *Kindle*, com um formato proprietário, levava necessariamente a que as compras fossem feitas na Amazon. O resultado foi a decisão de vender *e-books* com preços muito baixos (em alguns casos até com prejuízo), para alavancar a venda do *Kindle* e, circularmente, aumentar a fatia da Amazon no comércio de *e-books*.

A estratégia foi estrondosamente vitoriosa durante mais de um ano, e só começou a ser contestada com a entrada da Apple — i.e., do *iPad* — no mercado.

Mas voltemos um pouco atrás, para ver o que aconteceu nesse período com a questão dos direitos autorais.

Assim como as editoras eliminaram vários custos — e diminuíram o preço de venda dos *e-books* —, os autores começaram a se inquietar e a exigir modificações nas porcentagens de direitos autorais das vendas de livros eletrônicos. Foi uma disputa pesada, que teve no meio a tentativa do *Google* de digitalizar todos os livros anteriormente impressos, com uma proposta de acordo coletivo com a Associação dos Autores dos EUA, que sofreu muitas críticas e acabou rejeitada e bloqueada pela justiça americana. O *Google* continua digitalizando e se prepara para entrar com força no mercado de *e-books* (por enquanto é só um ensaio).

O resultado que parece estar se cristalizando é o de fixar os direitos autorais devidos em torno de 25%. Mas, vinte e cinco por cento de quê? A ideia original era manter o mesmo esquema do livro impresso: 25% do “preço de capa” definido pela editora, seja lá qual fosse o preço ao consumidor oferecido pelo varejista. Logo depois os editores foram forçando as condições para que fossem 25% do bruto recebido por eles. Com grande parte dos novos contratos assim negociados, abriu-se o espaço para contratar a Amazon: o “modelo de licenciamento”.



Esse modelo é, na verdade, uma volta à noção de preço fixo, usada em vários países europeus e nunca aplicada efetivamente nos Estados Unidos. As semelhanças entre o preço fixo e o modelo de agenciamento se dão principalmente na limitação da capacidade do varejista determinar o preço. No primeiro caso, por exigência legal (na França, por exemplo, o máximo de 5% sobre o preço de capa no primeiro ano depois do lançamento) e, no segundo, por exigência contratual. Na prática, o sistema do preço fixo mantém o desconto das editoras para o canal seguinte por volta de 40% do preço de capa. No preço fixo, o varejista recebe uma “comissão” de 30% sobre o preço de venda fixado pelo editor.

Quanto aos direitos autorais, o modelo de agenciamento aparentemente melhorou a posição dos autores. Para um *e-book* de US\$ 10, a comissão é de US\$ 3 para o varejista e os direitos autorais, de US\$ 1,75. Se fosse mantida a porcentagem de 25% sobre o líquido recebido com 50% de desconto para o varejista, o autor receberia apenas US\$ 1 por livro eletrônico vendido.

Mas o grande objetivo das editoras, conforme foi explicitado por John Sargent, CEO da Macmillan, é o de manter nas mãos dos editores a escala de preços. Assim, para evitar a “janela” entre o lançamento do *hardcover* e o *e-book*, o preço de lançamento, ou preço inicial dos *e-books*, é mais alto do que os livros do fundo de catálogo, e diminui na medida que seja lançado o formato *paperback*. Segundo Sargent, o outro objetivo dessa política de preços é manter a possibilidade de vida das livrarias e das edições em papel. Se houvesse uma “canibalização” do preço no momento do lançamento, o declínio das vendas de livros em papel seria mais acentuado, e a extinção das livrarias físicas seria mais rápida. Os editores acreditam que, a curto e médio prazo, poderão desenvolver modelos de negócios com *e-books* que envolvam as livrarias, livrando-os assim do fantasma do monopólio virtual da Amazon.

Só foi possível estabelecer esse modelo com a força da Apple. De passagem, ele deu vida

também à possibilidade de novos modelos de *e-readers* entrarem no mercado, como o *Nook*, da Barnes & Noble, e o *Kobo*, além da manutenção do *Sony Reader*. E, talvez, de outros modelos desenvolvidos por livrarias ou cadeias de livrarias em outros países.

Essa movimentação toda se deu em reação ao movimento da Amazon, pelas chamadas “Seis Grandes” do mercado editorial norte-americano. Ou, melhor dito, que atuam nos Estados Unidos, já que a maioria é de conglomerados internacionais com capitais europeus, a saber: Hachette Book Group (controlado pelo grupo Lagardère, que entre outras coisas é dono também de fábricas de aviões e armamentos); HarperCollins, que é controlada pelo News Corp, do gente finíssima Robert Murdoch; Macmillan Publishers, controlada pela alemã Holtzbrink; Penguin Group, controlada pela inglesa Pearson, que é o maior grupo editorial do mundo, graças aos livros didáticos e técnico-científicos; Random House, que é controlada pela alemã Bertelsmann; Simon & Schuster, a única que é controlada por outra empresa americana, a CBS.

Eu não tenho dúvidas de que o “modelo de agenciamento” foi inspirado pelo “preço fixo” europeu. E, no Velho Continente, apesar de quase todos os países terem abandonado o sistema do preço fixo, inclusive por pressão da Comissão Europeia, os dois gigantes do mercado editorial, Alemanha e França, mantêm o sistema firme, forte e funcionando.

Quem vai levar essa cana de braço é algo completamente em aberto.

“ O outro objetivo dessa política de preços é manter a possibilidade de vida das livrarias e das edições em papel. ”



LITERATURA E CONEXÕES

ANA MELLO
ESCRITORA

Em 2002, por ter vencido um concurso literário, decidi que seria uma boa hora para publicar tudo ou quase tudo que eu guardava em gavetas e alguns arquivos que digitara nas horas vagas. Por coincidência, na mesma época tive acesso diário à internet e comecei uma pesquisa de sites literários, escritores, páginas de literatura, revistas e outras publicações. Encontrei um site chamado *Usina de letras*, que existe até hoje, porém com outras regras. Na época, qualquer pessoa podia se cadastrar e publicar poesias, contos, crônicas, teses, artigos e vários outros textos. Os cadastrados recebiam gratuitamente informações sobre os acessos a suas publicações, mensagens e comentários postados.

Publiquei dez textos e em uma semana obtive mais de cem leituras e vários comentários. Diante destes dados, fiz uma lista para uma possível sessão de autógrafos, no caso de uma publicação em papel. Com muito esforço, obtive uma relação de oitenta convidados que não necessariamente comprariam meu livro. Livro este que, depois de lido, ficaria parado em uma estante acumulando pó. Foi fácil concluir que o que me interessava no momento era conquistar leitores e mostrar minha produção e não acumular ácaros e traças.

Logo fiz minha página no *Yahoo Geocities*, que era o meio mais fácil para alguém sem nenhuma experiência em programação ou criação de sites. Fiz meus primeiros *e-books* em 2004 e estabeleci ligações com meus leitores. As coisas andaram rapidamente, minha comunicação apenas por *e-mail* ganhou força com espaços conquistados em revistas e colunas na internet, depois *Orkut*, *Multiply* e outras redes sociais.

A evolução das tecnologias da informação e comunicação causou desconforto e medo

para muitos profissionais. Os mais afetados, certamente, foram os professores que não são nativos digitais, pois ficou difícil acompanhar e motivar alunos que vivem na internet, que nasceram multimídia. Os escritores também sofreram com este novo panorama, pois viram textos plagiados e distribuídos livremente em nome de outros. Viram a concorrência aumentar vertiginosamente, talvez não em qualidade, mas em grande quantidade, roubando a atenção dos leitores. Por outro lado, isso aumentou a possibilidade de divulgação e praticamente acabou com o poder das editoras sobre os pequenos, os iniciantes. As conexões formadas diretamente entre escritores e leitores dão trabalho e ocupam horas dos escritores que precisam refletir e digerir seus escritos, mas também repercute positivamente em matéria de interatividade e troca de conhecimentos.

Não existe volta, estamos conectados; aliás, sempre estivemos desde o útero, ligados pelo cordão umbilical a nossas mães, depois formamos grupos na família, na escola, nos ligamos a outros o tempo todo. As tecnologias apenas potencializaram as conexões, formaram novos *links*. As ligações são poderosas e possibilitarão a formação de indivíduos mais criativos e com espírito crítico. Entretanto, para que o analfabetismo não se torne digital é preciso incluir, abrir amplas possibilidades, para permitir que todos tenham acesso à informação e participem escrevendo e lendo. Não há perigo, existe espaço para todos. A necessidade será, então, valorizar a ética e a participação consciente e deixar que o sistema se encarregue de expulsar os criminosos dessa rede.

AS REVOLUÇÕES *TUITADAS* E A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NAS MOBILIZAÇÕES CIVIS DE 2011

SÉRGIO LÜTDKE
JORNALISTA





As páginas de retrospectivas que você leu no final de 2011 lembraram do ano que passou como um período marcado por movimentos civis de protesto em vários pontos do planeta. E creditaram às redes sociais parte do mérito do ativismo que rendeu a Primavera Árabe, o *#Occupy* e outras mobilizações incentivadoras da desobediência civil globalizada.

Olhando com atenção pelo retrovisor, vê-se necessariamente um ponto mais distante, ainda em 2010. Em setembro daquele ano, Malcolm Gladwell publicou um polêmico artigo na revista *The New Yorker*, “*Small Change – Why the revolution will not be tweeted*”, cujo tema é a reinvenção do ativismo social impulsionado por sites como *Twitter* e *Facebook*. O jornalista, no entanto, é cético: para ele, as redes sociais são incapazes de promover movimentos que levem a mudanças significativas na sociedade. O artigo se manteve em pauta durante todo o ano de 2011.

Para justificar sua descrença, Gladwell compara movimentos civis surgidos antes e depois da disseminação das redes sociais digitais. Para ele, antes de *Twitter* e *Facebook*, o estopim dos movimentos civis se dava quando pessoas com alta capacidade para construir redes se uniam. E essas relações, reais, forjavam laços muito fortes. O ativismo digital, por sua vez, seria baseado em redes de pessoas que seguem umas às outras por afinidade, num ambiente virtual, sem proximidade. Esses laços, entende Gladwell, são fracos e dificilmente dariam sustentação a movimentos civis mais resistentes.

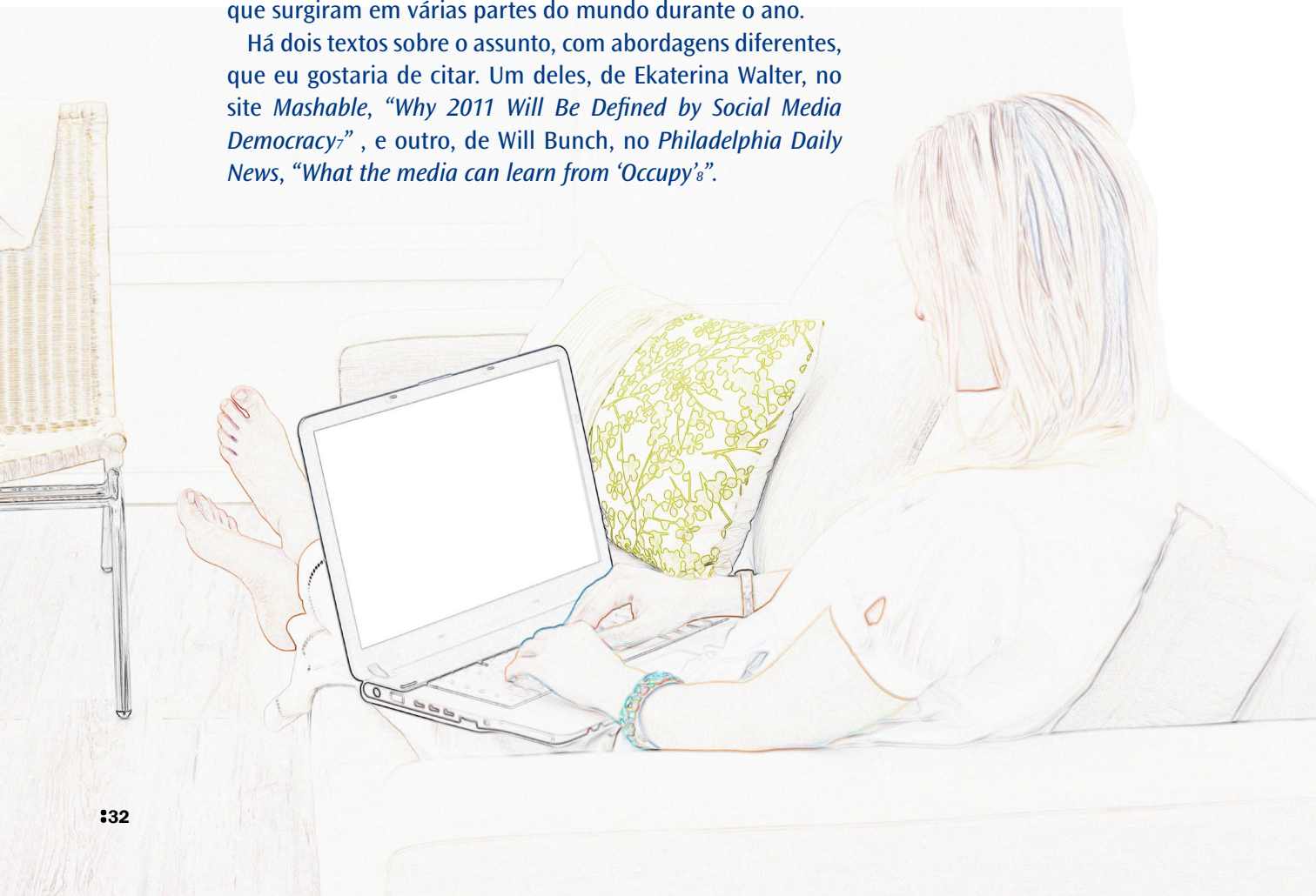
Já no começo de 2011, Gladwell começou a receber o troco. O levante civil pela queda de Hosni Mubarak no Egito colocou a tese em xeque. Em janeiro, Amira Nowaira, articulista do jornal *The Guardian*, perguntava se o mundo estava atento ao que ocorria no país [*Egypt’s Day of Rage goes on. Is the world watching?*]. David Nakamura, no *Washington Post*, cutucou Gladwell com o artigo *Malcolm Gladwell and the Twitter backlash*, um relato da renovada reação ao artigo. Gladwell voltou à carga com um post na mesma *The New Yorker*: “*Does Egypt need Twitter?*” em que mantinha a tese.

Twitter e *Facebook* tiveram, sim, papel importante na origem e na disseminação das informações e ideias do levante popular no Egito. Tanto que Mubarak, Cairo e Egito estão entre os *hot topics* do *Twitter* em 2011 e a página *We Are All Khaled Said*, no *Facebook*, que está na origem das manifestações da Praça Tahrir, foi curtida por 1,8 milhão de perfis, só para citar dois exemplos. Mas talvez seja ainda prematuro avaliar a exata dimensão que tiveram no resultado das manifestações.

Alguns articulistas foram mais comedidos. Jay Rosen, no *Press Think*, escreveu “*Twitter Can’t Topple Dictators*”. Num tom mais cuidadoso, ele reúne dezenas de opiniões de jornalistas e articulistas sobre o peso da internet e das redes sociais nas mobilizações da Primavera Árabe. E Rebecca Greenfield, na *Atlantic Wire*, escrevia sobre a dificuldade de medir a influência das redes no artigo “*Measuring the ‘Twitter Revolution’ Effect Is Pretty Hard*”.

Passados alguns meses do início dos movimentos, aparecem os primeiros estudos e análises mais aprofundadas sobre a influência das redes sociais no rumo desses movimentos civis que surgiram em várias partes do mundo durante o ano.

Há dois textos sobre o assunto, com abordagens diferentes, que eu gostaria de citar. Um deles, de Ekaterina Walter, no site *Mashable*, “*Why 2011 Will Be Defined by Social Media Democracy*”, e outro, de Will Bunch, no *Philadelphia Daily News*, “*What the media can learn from ‘Occupy’*”.



Há alguns aspectos nessa discussão toda a serem ressaltados: A tecnologia é, sim, um reforço importante para a construção de redes e para a disseminação de ideias e informações, e ela pode ser decisiva. Antes das redes sociais digitais, para citar um exemplo, as SMS dos celulares já serviam para agilizar a reunião de pessoas em torno de uma causa. Os atos pós-atentados e pré-eleitorais em Madrid, em 2004, são um ótimo exemplo disso. As mensagens curtas serviram para reunir manifestantes em vários *flash mobs* na Espanha. A agilidade do movimento (só conseguida com o apoio da tecnologia) mudou o resultado das eleições no país. Sem ela, possivelmente, não haveria tempo para a mudança.

Os laços fracos das redes sociais existem, obviamente, mas eles são a cauda longa desse processo. Antes deles, vêm os laços fortes. O uso de uma rede social digital ou outro meio na internet não abre mão de qualquer laço ao qual o sujeito está vinculado.

É preciso ver a rede social sem tentar encontrar um organograma. Nesse tecido não há hierarquia, os laços fracos não se sobrepõem aos fortes e nem estes àqueles. São elos infinitos que se podem ligar para disseminar informação e buscar afinidades.

A internet e as redes que se criam a partir dela são espaços onde prosperam os canais individuais, onde o indivíduo tem voz, independentemente do tamanho de sua audiência.

Internet é experiência. É preciso ter cuidado com a opinião, cética ou não, de quem analisa sem ter intimidade com o meio, de quem julga sem ter experimentado. Gladwell poderia começar com um perfil no *Twitter*. Todos agradeceríamos.

1“A revolução não será tuitada” (N.R.)

2“O Dia de Fúria do Egito continua. O mundo está prestando atenção?” (N.R.)

3“Malcolm Gladwell e a resposta do Twitter” (N.R.)

4“O Egito precisa mesmo do Twitter?” (N.R.)

5“O Twitter não é capaz de derrubar ditadores” (N.R.)

6“É muito difícil medir o efeito da ‘Revolução do Twitter’” (N.R.)

7“Por que 2011 será definido como o ano da democracia nas mídias sociais” (N.R.)

8“As lições que a mídia pode tirar do movimento ‘Ocupem Wall Street’” (N.R.)

VOX recomenda:

A VIDA É BREVE E PASSA AO LADO
HENRIQUE SCHNEIDER
 EDITORA DUBLINENSE



Henrique Schneider é um autor que vê os fatos do presente com uma espécie de lupa, e consegue interpretá-los como se estivesse distante no tempo, da posição que se diz ideal para bem entendê-los. Foi assim em *O grito dos mudos*, no qual reproduz 24 horas do cotidiano de um operário vítima do veloz processo de automação que tomava conta do planeta nos 80. Foi assim em *Contramão*, livro mais recente, no qual, sem se afastar do tema, muda a perspectiva de seu olhar, indo focá-lo na outra ponta das relações sociais: retrata um dia na vida de um jovem executivo seguidor à risca das regras do mercado, para quem, no mundo globalizado, alguém sempre precisa sobrar para a roda continuar andando.

Em seu novo livro, *A vida é breve e passa ao lado*, Schneider não foge de uma receita que tem lhe dado ótimo material de trabalho. Mantém o olhar atento às circunstâncias do mundo contemporâneo e seus subprodutos, agora em textos curtos, que tangenciam a crônica e o conto ao mesmo tempo. Traz para a perspectiva ficcional o cotidiano de pessoas de vidas comuns, sem o glamour das grandes personagens da história, mas que sob o olhar sensível do escritor acabam rendendo literatura de qualidade e densa de humanismo. [Tailor Diniz]



SAGAS – O MARTELO DAS BRUXAS - contos
Ana Cristina Rodrigues, Ana Lúcia Merege, Christopher Kastensmidt, Douglas MCT e Duda Falcão
 É o terceiro volume da série, dedicada à literatura fantástica, de terror e ficção científica.
 Editora Argonautas
 128 páginas



A CHAMA AZUL – poesia
Maria Carpi
 A escritora tem vários livros publicados, entre eles *Nos gerais da dor*, *Os cantares da semente* e *As sombras da vinha*. *A chama azul* traz ilustrações em cores do artista plástico Alfredo Aquino.
 AGE Editora
 104 páginas

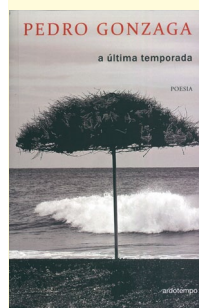


CHEGARAM OS AMERICANOS – novela

Paulo Ribeiro

O autor também é jornalista. Entre seus livros já publicados estão *Vitrola dos ausentes*, *Tríptico para Iberê* e *Quando cai a neve no Brasil*. Mantém uma coluna semanal no jornal *O Pioneiro*, de Caxias do Sul. Editora Modelo de Nuvem

116 páginas



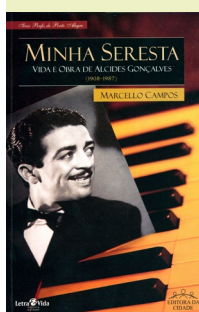
A ÚLTIMA TEMPORADA – poesia

Pedro Gonzaga

Este é o terceiro livro do autor. Seus anteriores são *Dois andares: acima!* e *Cidade fechada*, ambos de contos. Dedicou-se também à tradução e à música. Atualmente é professor de literatura.

Ardotempo editora

96 páginas



MINHA SERESTA — VIDA E OBRA DE ALCIDES GONÇALVES – biografia

Marcelo Campos

Parceiro de Lupicínio Rodrigues, Alcides Gonçalves foi um importante músico gaúcho que encantou o Brasil com sua voz e composições, entre elas “Cadeira vazia”, “Castigo”, “Maria Rosa” e “Quem há de dizer”.

Editora da Cidade

184 páginas



ENQUANTO ÁGUA – contos

Altair Martins

Depois do premiadíssimo romance *A parede no escuro*, o autor retorna ao conto, gênero que também lhe concedeu importantes prêmios, em especial *Como se moesse ferro*, seu livro de estreia.

Tem textos publicados em Portugal, Itália, França e EUA.

Editora Record

160 páginas



PINUS – poesia

Jorge Bucksdricker

O autor é graduado em Filosofia pela UFRGS, é tradutor e tem vários ensaios e poemas publicados em revistas. Entre seus livros já publicados está *Solstícios*, uma coletânea de poemas, edição do IEL, *Coleção 2000*.

Edição do autor

80 páginas

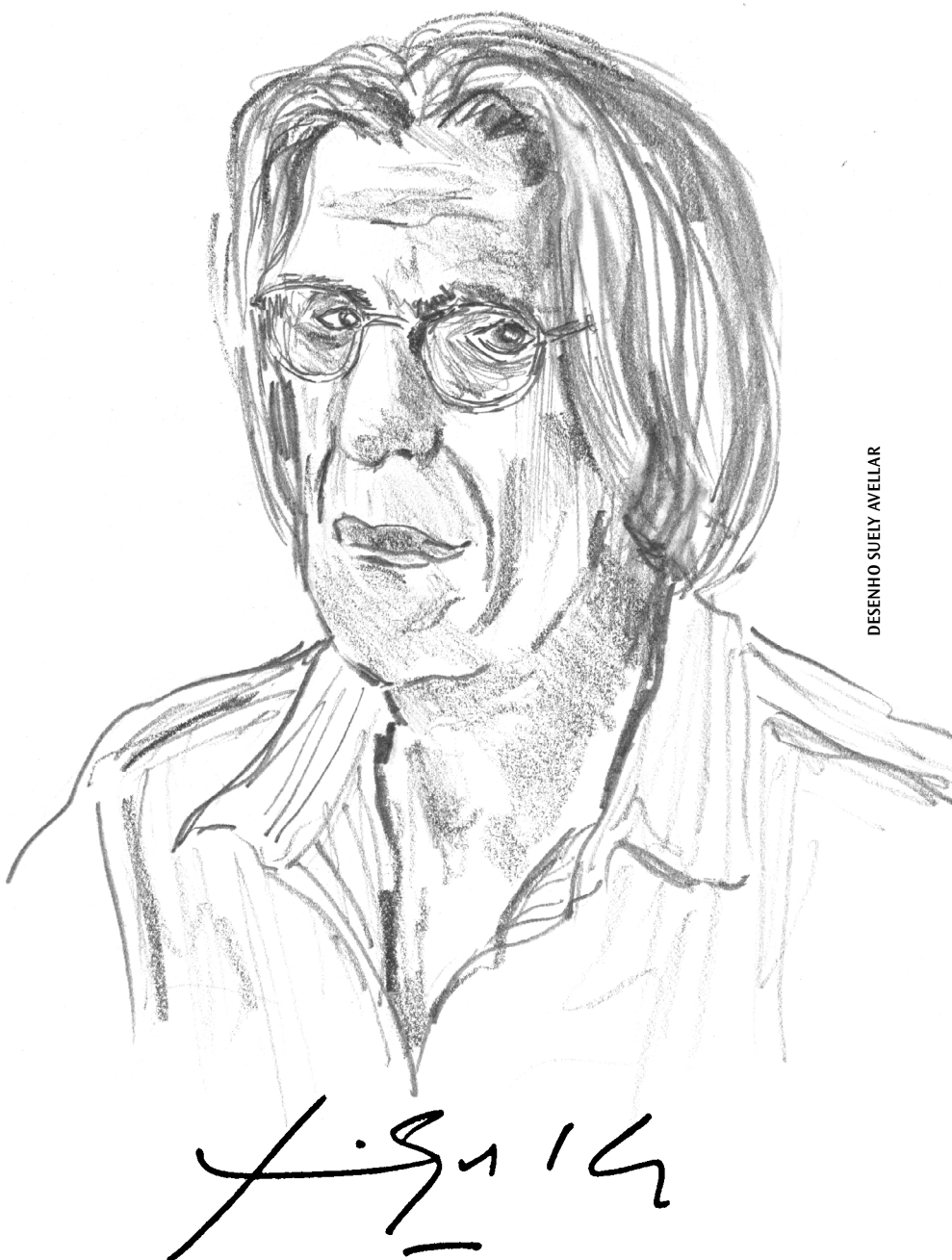
**GULLAR
GANHA
1º PRÊMIO
MOACYR SCLiar
DE LITERATURA**

Em alguma parte alguma (José Olympio), de Ferreira Gullar, é o vencedor do 1º Prêmio Moacyr Scliar de Literatura, realizado pela Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul por meio do Instituto Estadual do Livro e da Associação Lígia Averbuck. O valor do Prêmio é R\$ 150 mil para o autor e R\$ 30 mil para a editora. Conforme prevê o regulamento, será feita uma edição especial do livro para ser distribuída a bibliotecas públicas do Rio Grande do Sul.

O Prêmio Moacyr Scliar de Literatura é o único que contempla somente livros de poesia e contos, um ano para cada categoria. Nesta primeira edição, foram inscritos 152 livros de autores residentes em diferentes regiões do Brasil. Receberam menção honrosa *Em trânsito*, de Alberto Martins; *A vida submarina*, de Ana Martins Marques; *Lar*, de Armando Freitas Filho, e *Aleijão*, de Eduardo Sterzi.

ferreira gullar

Em alguma parte alguma



DESENHO SUELY AVELLAR

A IMPOSSÍVEL FALA DO POEMA

PAULO BENTANCUR
 ESCRITOR E OFICINEIRO ON LINE

Com a morte de João Cabral de Melo Neto (1920-1999), restaram Ferreira Gullar (1930-) e Adélia Prado (1935-), como os dois clássicos vivos da poesia brasileira contemporânea. Sendo Gullar o mais indomável de todos. A começar, por si mesmo. *Em alguma parte alguma* (José Olympio ed., 2010), que arrebatou o 1º Prêmio Moacyr Scliar de Literatura, ele reúne 59 poemas distribuídos em quatro partes. Na primeira, abrindo com o emblemático “Fica o não dito pelo dito”, a natureza mais que secreta, inalcançável do discurso lírico, é uma impossibilidade mais avara que o silêncio. O silêncio pode, imerso em si mesmo, esconder alguma verborragia; Gullar trabalha noutra território onde qualquer voz não alcança a almejada floração. E o poema se afirma como negação de um suposto poder extremo assim que baste dele emergir o primeiro verso. Não é assim. É o contrário. O desconcertante título do volume já deu-nos a senha: em alguma parte, inominada, de parte alguma. Como identificar essa terra, mais que devastada, ou desolada, imune à contaminação verbal?

Assim, um dos principais poemas desta seção inaugural, e do livro inteiro, “Desordem”, traz à cena o caos despido dos previsíveis excessos do caos sabido, e canta-nos (desenha-nos, no seu neoconcretismo renovado, no qual Gullar, depois de explodir a linguagem no final dos anos 1950, agora a recompõe com seus estilhaços e uma sintaxe de quem repensa o mundo necessitado de se reinventar), canta-nos, friso bem, esse canto mais que mudo, esse canto que o poema impresso denuncia como canto fracassado por conter em si aquilo que canta, a impotência mortal da palavra. E não há como não reconhecer nessa antilírica a mais plena lírica possível.

A segunda parte, que mantém a recorrência de um tema caro ao poeta – as dimensões espantosas entre galáxias, a nossa rua, o corpo humano, um inseto e a poeira –, toma corpo, e então vemos, potencializadas, na sua miséria e esplendor (ambos convergentes, nunca opostos),

o tempo, a luz, a água, o som, o núcleo das coisas (um dentro sem “fora”), as repetidas (sempre com soluções diversas) relações entre ações cotidianas e infinitos eventos cósmicos, os olhos, o musgo, a planta, um louva-a-deus. Inventário de uma beleza que nos desconcerta, nos desloca e nos repõe num sistema incalculavelmente maior que nós.

A parte três, a mais breve, fixa o que Gullar reconhece como grande arte numa das linguagens que, se não pratica, visita com constância e sobre ela escreve: as artes plásticas. O poema inaugural da série reflete a operação invertida, quando, hoje, uma pintura pode partir de si mesma para chegar ao objeto, e não o contrário. A seguir, poemas – citáveis todos, com destaque para “Os fios de Weissmann” – sobre Siron Franco, Amílcar de Castro, Mary Vieira e Iberê Camargo.

Dois poemas fecham a quarta parte e o livro. No primeiro, “Volta a Santiago do Chile”, tantas décadas depois o retorno à cidade onde o exilado viu o horror e hoje ele não mais existe – e Gullar constata, perplexo, “porque a vida quer viver e livrar-se do que finda, / a vida que em sua marcha / tudo apaga e tudo muda / e tal modo que / mesmo o que permanece / não permanece o mesmo: / La Moneda não é La Moneda / Santiago não é Santiago”. No poema derradeiro, “Rainer Maria Rilke e a morte”, Ferreira Gullar traz a morte ao nosso encontro. Mostra-a diversa em cada indivíduo (por diverso que é), como será nele, Gullar. E este, um dos melhores poemas do livro – não por acaso escolhido para encerrá-lo –, convoca o sonho dos vivos para que os movimentos do morto, mesmo não sendo exatamente uma rosa, nela se prolonguem.

Milagres não exatamente da poesia, qualquer uma, mas da grande poesia, a de *Em alguma parte alguma*. Por exemplo: aí na rosa já sem Rilke para testemunhá-la. Mas o leitor tem essa oportunidade de olhar, pensar, sentir. Graças a poemas merecidamente premiados.

EXPOSIÇÃO 1º PRÊMIO



DESENHOS DE BELONY FERREIRA NO ESPAÇO MAURICIO
ROSENBLATT – CCMQ (FOTOS DE KIRAN)

O PRÊMIO IEAVI

ELAINE TEDESCO

ARTISTA VISUAL E PROFESSORA
DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS

Ganhar um prêmio sempre é bom, destaca e valoriza o trabalho do artista.

O prêmio criado pelo Instituto Estadual de Artes Visuais – IEAVI vem sinalizar o interesse por parte do governo do estado do Rio Grande do Sul na área da cultura. Esta iniciativa não é isolada, faz parte de um conjunto de ações propostas pela Secretaria de Estado da Cultura – SEDAC visando resgatar as responsabilidades e o papel do estado com as diferentes manifestações culturais da atualidade.

No primeiro semestre deste ano, Vera Pellin, diretora do IEAVI, convidou Claudia Barbisan, Bernardo José de Souza e eu para compormos o júri de seleção e premiação. No mês de junho trabalhamos em dois dias para realizar a seleção dos projetos. Nesse exercício coletivo, observamos a diversidade de proposições artísticas com o uso de diferentes linguagens, destacando-se a presença da instalação, do objeto, da fotografia e do vídeo. Constatamos a reduzida presença da pintura. Das noventa e oito inscrições efetivadas, selecionamos dezoito projetos: promessas de ótimas mostras individuais e coletivas. Nesse contexto e diante das especificidades e qualidades de cada exposição, para nós, jurados do prêmio IEAVI, será uma tarefa árdua e talvez pouco justa selecionar um único ganhador. O valor do prêmio (dez mil reais) é simbólico e destinado a um só dos merecedores.



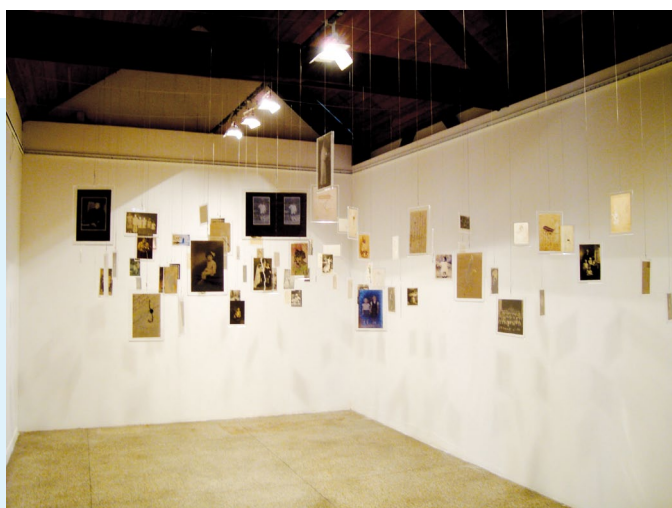
EXPOSIÇÃO HALO – GRUPO ÍO – GALERIA AUGUSTO MEYER – CCMQ
(FOTOS DE CAROLINA JACOBI)

Depois de ouvir o discurso do secretário Luiz Antônio de Assis Brasil na noite de abertura das primeiras exposições, estou certa de que esse é apenas o começo. Ajustes serão efetuados e outras formas de incentivo à comunidade artística estão por vir.



OBJETOS DE FIXAÇÃO DE BONGIOVANNI – GALERIA AUGUSTO MEYER – CCMQ (FOTOS DE VERA PELLIN)

Comemoro a iniciativa da SEDAC e ao mesmo tempo penso que a ideia de apenas um premiado deve ser repensada. O prêmio é um reconhecimento pontual; no entanto, proporcionar aos 18 projetos selecionados condições para produção de suas criações poderá ser um passo além, uma vez que terá, não tenho dúvidas, implicações na qualificação dos trabalhos realizados e estará contribuindo de forma direta para a produção artística no estado.



SUBVERSÕES DO TEMPO – NECA SPARTA – GALERIA VIRGILIO CALEGARI – CCMQ (FOTO DE VERA PELLIN)

CULTURA DIGITAL TUDO, AO MESMO TEMPO, AGORA

SANDRA REY

ARTISTA PLÁSTICA, PROFESSORA NO DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS DA UFRGS

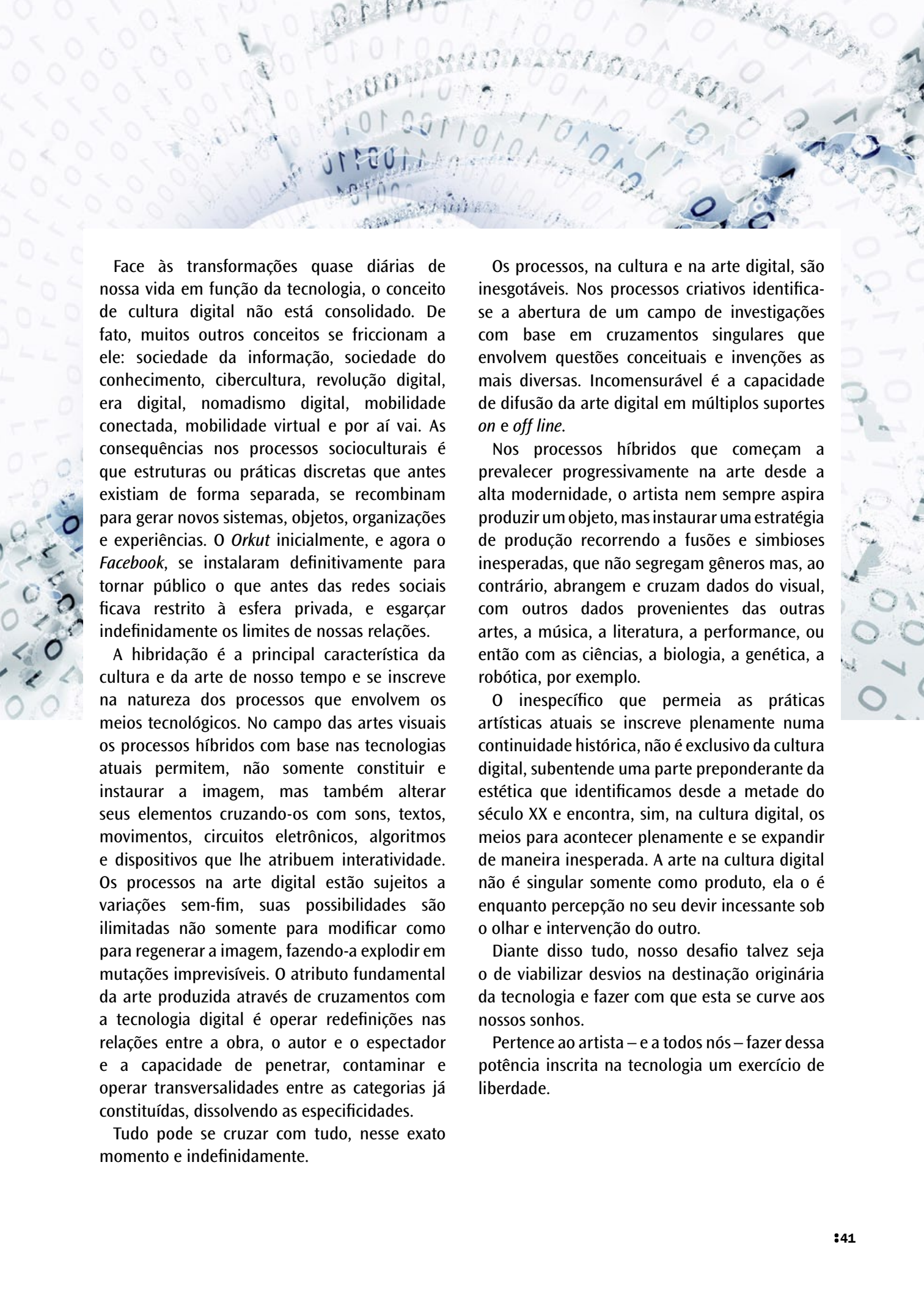
Para escrever esse artigo inseri no *Google* a expressão “cultura digital” e... 0,44 décimos de segundos após (após?) meu computador fixou na tela 22.800.000 resultados para minha pesquisa. Dois milhões e oitocentas mil referências para o termo – você tem ideia do que isso significa?

Você e eu recorreremos às ferramentas de busca na Internet para operacionalizar tarefas quotidianas. Nem nos damos conta, no dia a dia, de quanto nossa vida se transformou nas últimas décadas. O ato banal de inserir duas ou três palavras-chave na janela de pesquisa do *Google* e as inúmeras referências que obtemos, em tempo real, com uma pequena pressão no botão de “enviar”, já nos fornece algumas indicações sobre o conceito que queremos abordar: a cultura digital demarca a época em que vivemos, produz marcas profundas em nosso modo de vida e, em consequência, opera transformações radicais na cultura e na sociedade atual.

Fato consumado, a tecnologia atinge profundamente nossa comunicação e nos coloca em interconexão com tudo e com todos.

O que fazer com isso? Como agenciar todas essas informações? Certamente já nos fizemos essas perguntas ao abrir nosso *e-mail* e ficar perplexos diante da caixa de mensagens abarrotada.

Não duvidamos que nada se joga fora das interfaces cada vez mais complexas através das quais homens e máquinas são obrigados a dialogar. Produzir, co-produzir, trocar, partilhar imagens, sons, palavras, gestos, sensações, ideias só é realizável se nos mantivermos no cruzamento do real e do virtual.



Face às transformações quase diárias de nossa vida em função da tecnologia, o conceito de cultura digital não está consolidado. De fato, muitos outros conceitos se friccionam a ele: sociedade da informação, sociedade do conhecimento, cibercultura, revolução digital, era digital, nomadismo digital, mobilidade conectada, mobilidade virtual e por aí vai. As consequências nos processos socioculturais é que estruturas ou práticas discretas que antes existiam de forma separada, se recombina para gerar novos sistemas, objetos, organizações e experiências. O *Orkut* inicialmente, e agora o *Facebook*, se instalaram definitivamente para tornar público o que antes das redes sociais ficava restrito à esfera privada, e esgarçar indefinidamente os limites de nossas relações.

A hibridação é a principal característica da cultura e da arte de nosso tempo e se inscreve na natureza dos processos que envolvem os meios tecnológicos. No campo das artes visuais os processos híbridos com base nas tecnologias atuais permitem, não somente constituir e instaurar a imagem, mas também alterar seus elementos cruzando-os com sons, textos, movimentos, circuitos eletrônicos, algoritmos e dispositivos que lhe atribuem interatividade. Os processos na arte digital estão sujeitos a variações sem-fim, suas possibilidades são ilimitadas não somente para modificar como para regenerar a imagem, fazendo-a explodir em mutações imprevisíveis. O atributo fundamental da arte produzida através de cruzamentos com a tecnologia digital é operar redefinições nas relações entre a obra, o autor e o espectador e a capacidade de penetrar, contaminar e operar transversalidades entre as categorias já constituídas, dissolvendo as especificidades.

Tudo pode se cruzar com tudo, nesse exato momento e indefinidamente.

Os processos, na cultura e na arte digital, são inesgotáveis. Nos processos criativos identifica-se a abertura de um campo de investigações com base em cruzamentos singulares que envolvem questões conceituais e invenções as mais diversas. Incomensurável é a capacidade de difusão da arte digital em múltiplos suportes *on e off line*.

Nos processos híbridos que começam a prevalecer progressivamente na arte desde a alta modernidade, o artista nem sempre aspira produzir um objeto, mas instaurar uma estratégia de produção recorrendo a fusões e simbioses inesperadas, que não segregam gêneros mas, ao contrário, abrangem e cruzam dados do visual, com outros dados provenientes das outras artes, a música, a literatura, a performance, ou então com as ciências, a biologia, a genética, a robótica, por exemplo.

O inespecífico que permeia as práticas artísticas atuais se inscreve plenamente numa continuidade histórica, não é exclusivo da cultura digital, subentende uma parte preponderante da estética que identificamos desde a metade do século XX e encontra, sim, na cultura digital, os meios para acontecer plenamente e se expandir de maneira inesperada. A arte na cultura digital não é singular somente como produto, ela o é enquanto percepção no seu devir incessante sob o olhar e intervenção do outro.

Diante disso tudo, nosso desafio talvez seja o de viabilizar desvios na destinação originária da tecnologia e fazer com que esta se curve aos nossos sonhos.

Pertence ao artista – e a todos nós – fazer dessa potência inscrita na tecnologia um exercício de liberdade.

MACRS

EXPOSIÇÃO MACRS 20 ANOS

Curadoria: Gaudêncio Fidelis

Santander Cultural

Data de Inauguração: 06 de março – 19h

IEAVI

EXPOSIÇÃO FUNDEAR

Artista: Rogério Severo

Galeria Augusto Meyer da CCMQ

Data: até 04 de março

MULTIPLICAÇÕES

Artista: Grupo Superfície

Espaço Maurício Rosenblatt da

CCMQ

Data: até 04 de março

ALFA/TETA

Artista: Ponto de Fuga – Coletivo
em Arte

Fotogaleria Virgilio Calegari da

CCMQ

Data: até 04 de março

OSPA

ABERTURA DA TEMPORADA DE CONCERTOS DA OSPA EM 2012

Parque Harmonia – Porto Alegre

Data: 11/3/2012 – 18h

Entrada franca

CONCERTO NO INTERIOR DO RS

Data: 13/3/2012 – 20h30

Entrada franca

CONCERTO OFICIAL

Capela do Colégio Anchieta

Regente: Nicolas Rauss

Data: 20/03 – 20h30

Entrada franca

CONCERTO NO INTERIOR – ESTEIO (RS)

Data: 27/03 – 20h30

Participação do solista Daniel Wolf

(violão)

Entrada franca

MARGS

EXPOSIÇÃO O MUSEU SENSÍVEL: UMA VISÃO DA PRODUÇÃO DE ARTISTAS MULHERES NA COLEÇÃO DO MARGS

Curadoria: Gaudêncio Fidelis

Pinacoteca e Galerias Inferiores

do MARGS

Data: até 18 de março

*Conto vencedor do Concurso Caio Fernando Abreu,
promovido pela Associação Gaúcha de Escritores e UFRGS*

TARDE PARA MATAR UM PORCO

LAURO MANZONI BIDINOTO

Há silêncio no início da tarde mormacenta na propriedade da família Coró.

Nenhum dos quatro moradores daquele pedaço esquecido do Pampa pode adivinhar que algo de insólito vai acontecer em breve. A única alteração prevista no roteiro enfadonho de suas atividades diárias consiste na carneada de um porco, algo que nem chega a gerar preocupações, pois é fato que também se repete, embora apenas uma vez por mês.

Apesar da calma, Reginaldo Coró não consegue dormir e rola impaciente no soalho da varanda. Não é a comida em excesso, mal sovada pela dentadura postiça, o que lhe afasta o sono. Tampouco é o calor que lhe tira o sossego. Ao contrário, entre as coisas que mais aprecia na vida inclui-se essa modorra que o invade depois do almoço, numa combinação perigosa de barriga cheia e calor extremo. Nas raras vezes em que a esposa tenta fazer com que coma menos, a propósito de diminuir a pança e aumentar os dias que o separam do provável infarto, protesta energicamente. Recusa-se a abrir mão do prazer que obtém estendido na varanda, quando sonha sob os efeitos do calor, do alimento em demasia, e de uma ou duas garrafas de vinho.

Minutos antes cumprira no almoço todos os passos indispensáveis à obtenção de tais alegrias de uma sesta bêbada. Porém, ao estender-se nas tábuas brutas e recostar a cabeça no pelego que puxa de cima da banca de madeira, percebe que os dois filhos não estão ali. Aqueles dois tagarelas conversando e trocando as cartas do ensebado baralho espanhol, num jogo que o mais velho chama de truço, mas que o

caçula não compreende, completariam a lista dos itens necessários para que Reginaldo adormecesse tranquilo. Num lento e pesado giro de cabeça, ele inspeciona os arredores, mas não avista nenhum dos dois.

É com a percepção de que lhe falta um dos elementos corriqueiros que têm início as suas inquietações. Ouvindo, ao fundo, o som de panelas e pratos que se tocam enquanto a mulher lava a louça, lamenta a privação daquelas frases infantis em torno de regras sem sentido. Pensa ainda que, se aqueles dois não estão ali jogando cartas, é sinal de que podem surgir a qualquer hora, fazendo algum barulho que possa acordá-lo.

Isso se, porventura, conseguir dormir. Em vão os chama uma ou duas vezes, numa voz pastosa e pouco compreensível.

O que era inquietação vai aos poucos se transformando em raiva, pois nessas constatações perde cinco minutos, e o sono lhe escapa. Aflito diante da possibilidade de não dormir, empreende ainda outro método antes de concluir que aquela tarde está reservada ao mau humor. Bebe, em poucos instantes, uma das garrafas de vinho que antes do almoço deixara na varanda para o dia seguinte.

Ainda tem a garrafa junto à boca, quando, repentinamente, o estrondo de latas sob intensa pancadaria faz com que se acelerem seus batimentos cardíacos e, num pulo, ponha-se sentado para identificar os previsíveis causadores daquele estardalhaço: aqueles que não estavam jogando baralho. Saem do galpão, cada qual com sua lata presa por uma corda ao pescoço, enquanto espancam-nas com tocos de lenha, quiçá inspirados nalgum desfile carnavalesco que viram pela televisão. De imediato, ouvem-se guinchos de nove porcos esfomeados que identificam naquele barulho a aproximação da comida diária. Tais guinchos soam a Reginaldo como uma sirene a decretar que não há mais qualquer possibilidade de dormir.

O que antes era raiva transforma-se agora em fúria. Apesar da embriaguez, consegue ir até os dois e castigá-los com as próprias cordas que serviram de suporte aos tambores improvisados. No mais novo dá apenas uma vez, mas se excede na correção aplicada ao outro, só parando depois da intervenção da esposa, que ouve o berro dos rebentos e vem acudi-los. “Basta, Reginaldo! Estás tirando o couro do pobre guri!”

Apesar de que a opinião da mulher não lhe seja de muita importância, solta o filho, que tão logo se vê livre foge pras bandas do chiqueiro, onde mistura seus berros com os guinchos desesperados que até então tinham servido de trilha sonora ao medonho castigo. “Não viste o que estes dois aprontaram?”, contesta Reginaldo, direcionando parte de sua ira também para a mulher. “Além de não me deixarem dormir, mexeram com estes porcos todos, que agora não param antes de comer.”

Havendo programado que mataria um porco naquela tarde, Reginaldo deixara-os sem comida pela manhã para que o escolhido estivesse com o estômago vazio na hora de limpá-lo. Despertos os bichos pelo barulho das latas, a solução seria matar logo o animal e dar comida aos demais. Contudo, para isso, era preciso água quente, o que demoraria ao menos mais uma hora. Enquanto acende o fogo e murmura impropérios destinados aos dois “inúteis que não fazem outra coisa senão estorvar”, esvazia mais uma garrafa de vinho, a terceira naquele dia, logo seguida pela quarta, que preenche o tempo necessário para que a água fique ao ponto de soltar os pelos do porco. Os efeitos do vinho não tardam, mas o mau humor não passa. E assim a tarde de um sujeito, que havia começado mal, encaminha-se para um fim indesejado.

Quando vai à cozinha buscar a faca de lâmina fina, a mulher percebe a bebedeira e a falta de discernimento para realizar qualquer tarefa, mas como também se torna alvo dos xingamentos, prefere calar-se e deixar que ele vá fazer sozinho a sua matança, do jeito que bem entenda. “Decerto acontecerá como de outra vez em que nem conseguiu pegar o porco, acabou desistindo, e passou a tarde dormindo lá no galpão”, pensa ela, consolando-se por deixar que corresse o risco de se cortar com uma faca tão afiada como aquela.

No caminho para o chiqueiro, Reginaldo encontra o filho mais novo, que já conseguiu dominar o choro e está tentando retornar para casa. No entanto, quando avista o pai cambaleante, com uma faca na mão e olhos vermelhos, dá a volta e some novamente, sem ouvir o que aquele lhe gritava: “Piá sem serventia! Cadê aquele palerma do teu irmão? Ainda pego os dois de jeito”. Grita aquilo, mas a visão turva pelo álcool não o deixa ter certeza de que é mesmo o filho que foge ou se é um dos porcos que conseguira fugir. Junta uma das cordas que ficara jogada no caminho e segue adiante, sempre blasfemando a má sorte daquela tarde desastrada.

No galpão, a água ferve. É hora de matar o bicho. Aliás, naquele momento, Reginaldo sente vontade de matar todos eles. Como berram! Malditos porcos! Maldita gurizada que provocou aquilo tudo! Pensa nisso e resmunga, quando tropeça numa das latas que pouco tempo antes servia como tambor, e cai quase junto ao fogo. Não é possível descrever a raiva de um homem cuja única pretensão, horas antes, era dormir tranquilo. Com dificuldade, levanta e se dirige ao encontro dos guinchos desesperados.

Naquele estado, colérico e borracho, não repara que a inquietação dos animais não reflete apenas a fome, mas também o medo de alguma coisa que se movimenta dentro do chiqueiro.

Antes de encontrar a porta da pocilga, Reginaldo percorre um caminho, que embora não passe de nove ou dez metros, custa-lhe minutos, driblando obstáculos que mal consegue visualizar. Entre esses, está uma laranjeira, cujos galhos lhe maltratam o braço direito, provocando-lhe ainda mais cólera. Todavia, segue adiante, com a pouca firmeza que consegue, e por fim esbarra na madeira fétida do chiqueiro. Apesar da repugnância, é preciso entrar e capturar um deles, e é isso que faz. Em meio ao barulho infernal, a fedentina do ambiente e a correria dos animais, percebe um que, ao invés de se juntar aos outros em meio ao esterco que cobre todo o fundo do chiqueiro, permanece encolhido num canto. Num golpe de sorte, Reginaldo joga a corda e consegue capturá-lo. A seguir, arrasta-o para fora, rumo à tábua onde costuma fazer o sangramento e dar início à limpeza. Ao fazê-lo passar pela porta, tem a impressão que o bicho resiste, como se estivesse se agarrando em algo. Mesmo assim, nem olha para trás, apenas faz força puxando a corda, enquanto o animal se debate às suas costas.

Com a mão esquerda segurando a corda, Reginaldo pega a faca que traz à cintura com a direita, e num golpe volta-se para o bicho, nessa altura se debatendo em cima da tábua de sangria. É preciso afastar-lhe uma das patas e enfiar a faca em direção ao coração, mas é necessário ter cuidado para que ele não morda e não dê nenhum coice.

Convém amarrá-lo para não correr esses riscos, mas dessa vez Reginaldo não tem paciência e cautela para tantos cuidados. Bruscamente, ele desfere golpes de faca sobre o animal, pouco se

preocupando em recolher o sangue para a morcela. Somente quando o bicho fenece e não se debate mais é que ele tenta observá-lo, procurando reconhecer qual porco havia matado. Entretanto, enxerga apenas um vulto, o qual lhe parece um tanto mais claro do que normalmente deveria ser a pelagem vermelha daquela raça. Morto o animal, ata as patas dele com uma corda, passa a ponta por dentro da roldana presa ao galho da laranjeira, e começa a suspendê-lo. Terminada mais esta tarefa, põe-se a olhar para o bicho novamente, mas ainda não consegue ver as coisas com clareza. Desta vez, o que lhe causa estranhamento, vendo o vulto pendurado, é que ele não parece ser tão gordo quanto deveria, afinal, foram três meses em regime de engorda. No entanto, considera que pode estar se enganando, pois não se sente muito bem, tanto que resolve descansar um pouco antes de buscar a água quente.

Quando Reginaldo vai ao galpão pegar uma lata, com a intenção de sentar-se nela por alguns instantes, lembra-se rapidamente dos dois filhos, agora já sem a raiva de antes. Apenas deseja que lhe ajudem na carneada. Mas onde teriam se escondido por todo este tempo? Tenta então chamar-lhes, mas o grito se interrompe com a dor que lhe invade o peito, como se a faca agora estivesse sendo cravada nele. Solta a lata no chão e senta-se nela, esperando que a dor alivie. Porém, ela se torna mais intensa, o braço esquerdo começa a adormecer, e ele se levanta. E quando levanta, vê o animal pendurado na laranjeira, do qual ainda escorre muito sangue.

Antes de cair morto, Reginaldo ainda grita e se projeta para o bicho pendurado na árvore, mas não o alcança, e cai no meio da poça de sangue, onde mergulha o rosto, encobrindo a terrível expressão que se imprimira nele antes da morte. Da cozinha, atraída pelo último dos gritos do marido, a mulher corre para trás do galpão, desconfiando que se trate de algo sério. No curto caminho, pensa na faca de lâmina fina e no estrago que ela poderia causar. Todavia, não consegue prever a cena que encontra ao chegar ao local. Enquanto ela cai de joelhos mordendo o pano de prato que levava consigo, chora e vê, à sua frente, o corpo do marido cercado pelo sangue que escorre do animal morto. Enquanto isso, ainda assustados, os dois gurus deixam o esconderijo, e os porcos aproveitam para fugir através da porta aberta.

M
E
A
N
D
R
O
S

Angariar espaço
anexo
ao lugar pouco habitado
onde vínculos descosturados
fecham portas
(nem ao menos
mínimos meandros
daquela paragem)
como engano exausto
repetido tantas vezes
que perde a validade

DIEGO
PETRARCA

SONHO PINGENTE

MONIQUE REVILLION

Todo dia, no trem lotado, a moça está lá. Pode ser frentista, vendedora, manicure, diarista, qualquer coisa que queira, bonita como ela só. Um dia tomaria coragem, chegaria perto e diria olá, como vai, meu nome é Marcos, e o teu? Mas deste caminho já sabia os rumos, a história toda até o fim. Melhor deixar tudo assim, na condicional das hipóteses, como dizia seu avô. Afinal, sem começo nem meio, não pode haver ponto final. Entre uma estação e outra, decidiu que amanhã ela seria bailarina, e dançaria só para ele no vagão vazio.

PELO MUNDO

ANA BAGGIO

Vamos dar uma banda?
Larga?

MARTIN

FERNANDO ROZANO

Nem a chuva intermitente afasta Martin do banco da praça. O jornal, dobrado, borra a quase nenhuma roupa, mesmo o frio intenso. Olha as pessoas à espera do ônibus. Desvia o olhar, leva-o ao fim da avenida. Pouco antes de a primeira quadra alcançar a metade, a noite avança. Ganha espaço das luzes acendendo o fim do dia. Tem nos olhos ainda o resto das horas claras. Os traços das mãos são segredos, seu baú de carne e ossos e veias. Os bolsos escondem as fatias do tempo. Repartidas dia após dia, escondem o mofo mastigado pelas horas. Mede a travessia da rua – um, dois, três, quatro passos – sem o ânimo dos músculos. Fala para dentro a conversa diária entre uma palavra e outra, sobreviventes do dilúvio da memória, seu único sinal aqui, porta aberta para quem chega.

A noite seca o sono. Ajeita alma, coração e corpo entre as fissuras da madeira. Acomoda as fundas rugas, de onde nascem densos brancos, que se dobram sem rebeldia. Ao lado, rente ao chão, os sonhos dormentes feitos de relâmpagos e estrelas.

Manhã, retrato sem cor, por trás das janelas despertam sombras e sol.

A MULHER QUE GOSTAVA DE POESIA

CARLOS TOMÉ

Estava calor. Um sol de verão, inclemente, batia na chapa ondulada do tecto da estação de comboios e chegava, difuso, sufocante, ao formigueiro humano.

As correntes de ar que atormentavam os passageiros no inverno eram, agora, quase imperceptíveis. Quem as sentia, outro alívio não experimentava do que a breve sensação de um sopro no pescoço úmido de suor.

Amadeu e Sara tinham vindo no Interurbano e dispunham de menos de quinze minutos para chegarem à plataforma dois, onde o Regional esperava, silvando a intervalos regulares.

Sara, massacrada por uma viagem de três horas, maravilha-se à vista de uma placa indicativa dos sanitários femininos. Com um “volto já!”, deixa Amadeu.

Indeciso sobre se precisa também ir, resolve esperar por ela. E fica contando os minutos, um olho na porta dos sanitários femininos, o outro no comboio.

Ao quinto minuto, resolve ganhar tempo. Segue, arrastando uma pequena mala, para os sanitários masculinos.

Dois minutos depois, está de volta. Sara não está à vista.

Surpreendido, vê as horas. Faltam quatro minutos para a uma da tarde.

Interpela um ferroviário que passa.

— Quando parte o trem?

— Às treze.

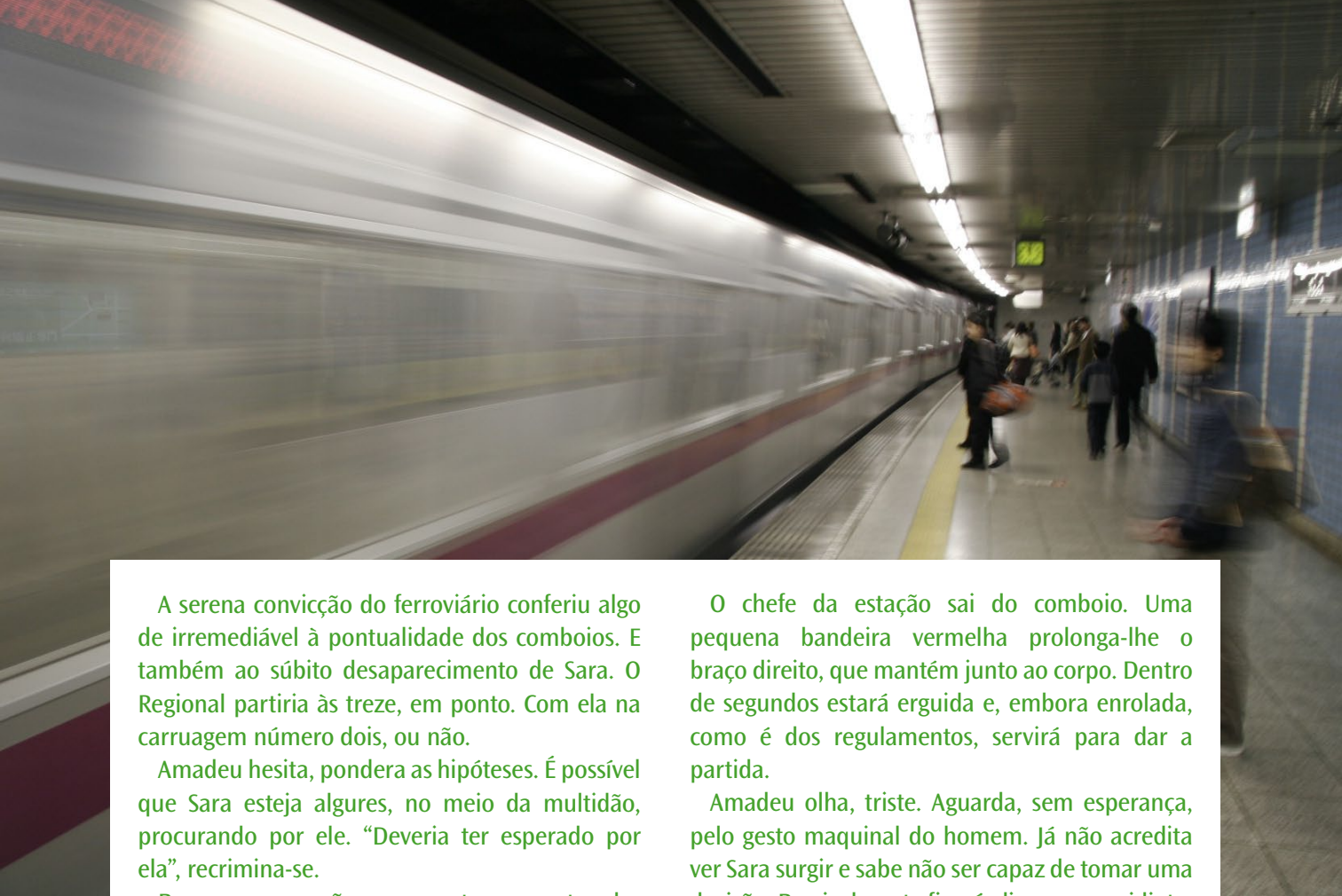
— Em ponto?

— Sim, sim. Em ponto.

— E... não pode... bem, nunca atrasa?

— Às vezes, mas é raro. A companhia tem orgulho na sua pontualidade.

Há frases assim. De tão simples, não deveriam merecer mais do que os dois segundos de atenção que, ao ouvi-las, se lhes concede. E, no entanto, tornam-se lapidares, definitivas, históricas mesmo, pelo momento em que são ditas ou por quem as profere.



A serena convicção do ferroviário conferiu algo de irremediável à pontualidade dos comboios. E também ao súbito desaparecimento de Sara. O Regional partiria às treze, em ponto. Com ela na carruagem número dois, ou não.

Amadeu hesita, pondera as hipóteses. É possível que Sara esteja algures, no meio da multidão, procurando por ele. “Deveria ter esperado por ela”, recrimina-se.

Pensa que, se não se encontrarem antes das treze, certamente Sara não embarcará sozinha. Claro que ele próprio não deverá fazer outra coisa além de ficar por ali até que se reencontrem...

E quem sabe se ela, não o encontrando na plataforma, decidiu entrar no comboio e está, calma e serena, na carruagem número dois, esperando por ele? Tem de embarcar!

Falta um minuto para as treze. O comboio apita, chamando os retardatários.

Amadeu observa, já em desespero, as apressadas corridas de dois ou três passageiros, um aceno de despedida de um velho de barba branca, o apressado beijo de um jovem casal.

Amadeu pensa que, estando Sara a bordo, seria natural preocupar-se com o seu atraso e, assim, procurá-lo, assomando a uma das janelas. Mas ela não está à vista. Nem na plataforma, nem no comboio.

Há muita gente debruçada nas janelas, acenando, gritando despedidas ou, simplesmente, observando o bulício da estação, mas em nenhuma descortina a mulher.

O chefe da estação sai do comboio. Uma pequena bandeira vermelha prolonga-lhe o braço direito, que mantém junto ao corpo. Dentro de segundos estará erguida e, embora enrolada, como é dos regulamentos, servirá para dar a partida.

Amadeu olha, triste. Aguarda, sem esperança, pelo gesto maquinal do homem. Já não acredita ver Sara surgir e sabe não ser capaz de tomar uma decisão. Possivelmente ficará ali, como um idiota, vendo o comboio partir.

O chefe da estação, um veterano já indiferente aos dramas de todas as partidas que vai ordenando na sua rotina diária, observa em redor. Vê-o ali, parado, sem jeito, e lança-lhe um olhar interrogativo. À pergunta muda, Amadeu responde com um encolher de ombros e um esboço de sorriso. O ferroviário aponta para o pulso. Parece pedir desculpa por serem quase, quase, treze horas. Vai erguer a bandeira.

— Espere! Espere!

É ela. Sara corre na plataforma. Com a mão direita segura na cabeça um pequeno chapéu de palha que lhe dá um ar afrancesado. Na mão esquerda traz um livro. Parece tão feliz que Amadeu engole todas as recriminações.

Na verdade, nem tem tempo para dizer o que quer que seja. Com um ar gaiato, ela justifica-se.

— Vi ali este livro de Florbela Espanca. Havia muita clientela na livraria. Quase atropeliei as pessoas! Mas deu tempo, não deu?

O chefe da estação sorri. Amadeu também.

MIMOSA

TELMA SCHERER

*Viver da vida o ocaso, nunca.
Prefiro acasos de amanhecer na
palavra “mimosácea”: planta da
família das mimosas & das acácias.*

Bem-aventurada aquela
que é branda e habituada
aos mimos do amanhecer
nas páginas das acácias.

Bem-aventurada e
sempre diante do olhar. Nua.
Parada, branda, na bruma
escura do jardim. Plena
ela cala como se dissesse:
“Nunca ninguém me quis.”

Não a julgam violenta.

De perto é desaventurada
e lenta como o voar das asas
dessas borboletas.
É também levada na brisa.
Seus caracóis se somam

antes do anoitecer.
Guarda essa luz suspensa
no vício de quem a ama.
Esse sol solúvel, esse viço
de abundância.

Ela sangra
durante o corpo
como se ousasse a fuga

por trás de mãos abertas.

Bem-aventurada ela
que é dócil na dor
e continua sorrindo
por mais que se a tomem
do galho

no assalto
no afago

e a puxem com força
a vítima predileta.

TRUCO DE MANO

MARCELO D'ÁVILA

Andavam roubando gado pras bandas de Santa Rita.

Por estes tempos eu changueava de alambrador na Estância da Ilha, de propriedade do doutor Próspero. Homem correto, respeitador, mandou me chamar no galpão onde à tardinha costumava matear com os outros peões campeiros. Decerto ouvira falar dos meus dotes de valentia. Na verdade, exageros que corriam de boca em boca dos dois lados das barrancas do Uruguai.

Pois pedia o doutor que eu montasse guarda na invernada, de tocaia aos maulas abigeatários. Um par de dias antes o capataz dera com os espólios de uma rês carneada ali mesmo, a uma ou duas léguas da Casa Grande. Outro problema, explicou o patrão, era que a invernada ficava ao lado de um corredor tido por assombrado pela peonada. Ninguém, por macanudo e taura que fosse, aceitava o encargo de tocaiar os bandidos.

Missão dada, missão paga – aprendi ainda em praça no Segundo Regimento João Manoel, aquartelamento de São Borja. Ademais, nunca fui de recusar serviço. E aquilo de roubar o gado alheio me botava fora das estribeiras. Por estas razões, aceitei o trabalho. Sem falar ao patrão dos desconfortos no peito, aqueles agulhaços que vinham puando o costado do coração há bem umas quantas semanas. Poderia parecer recusa. Ou, ainda pior, covardia. Em Livramento, certa feita, me disse um doutor que era mesmo o coração: tantos anos de palheiro e carne gorda um dia iam cobrar seu preço. E já não sou nenhum gurizote recém saído dos cueiros. Me receitou uma pastilhinha pra botar embaixo da língua quando o batedor começasse a corcovear. Mas, bueno. O fato é que escondi isso do patrão, dei de mão nos meus trecos e fui acampar na invernada.

* * *

Quem nunca passou uma madrugada de agosto a campo aberto na Campanha não sabe o que é sentir frio. O vento uiva nos ouvidos e parece que correm lâminas de gelo por dentro dos ossos. La pucha! Um índio tem que ser guapo pra aguentar o Minuano!

Naquele breu de fundo de campo, o poncho de lã correntina não dava conta de abater a friagem. Logo de saída não quis fazer fogo: se minha missão era de tocaia, uma fogueira ali seria sinal de alerta. Mas lá pelas duas da matina, quando o Minuano gemeu com força e o frio tomou corpo, não tive alternativa: juntei uns galhos de sarandi e ali no mais preendi a

fogueira. Se por um lado eu revelava minha posição, por outro servia para intimidar a eventual presença dos bandidos. E, mesmo contra a recomendação do doutor de Livramento, abri uma branquinha de Santo Antônio pra aquecer a goela.

Não sei se foi a geada, a solidão ou a canha. Só sei que começou de novo aquele puaço no peito, um aperto, um potro: coração redomão corcoveando, querendo rebentar a soga. O peso dos cinquenta e pico de vida. Bem vivida, diga-se de passagem.

Foi antes de botar a tal pastilha na boca que ouvi os passos chegando perto, quebrando o pasto ressecado pela geada.

* * *

Ladrão de gado não podia ser: não seria tão burro de chegar assim de peito aberto, sujeito a levar um balaço. Tampouco ia se achegar solito. Pelas dúvidas, dei de mão no berro que trazia na guaiaca e me pus em guarda.

Louvado seja nossosenhorjesuscristo, disse de lá o vivente. Pra sempre amém, respondi de onde me encontrava, sem tirar os olhos do homem e a mão do trinta-e-oito. Oigalê, sujeito esquisito! Do chapéu de aba larga até o chão devia ter quase dois metros; magro como um pau de virar tripa; e branco! A pele parecia feita de leite, contraste com a noite escura que se realçava pelos fachos intermitentes da fogueira.

Se é amigo se achegue e tome um trago, emendei, fazendo questão de mostrar o cano da arma e de esconder o desconforto no peito. Ele tinha um semblante muito calmo, e foi logo sentando junto ao fogo. Disse que era um andante e vira o lume da fogueira. Que o frio estava de renguear cusco, e que nenhum gaúcho de verdade iria lhe negar o conforto do calor de um fogo. Hay ladrões de gado por estas bandas, expliquei, como a justificar minha presença naquele descampado. Respondeu que ouvira falar, andava de estância em estância atrás de serviço e numa ou noutra se comentava sobre isso, eu sabia como era.

Tinha uma charla buena o vivente. Àquela altura, cheguei a gostar de ter companhia numa madrugada gelada de agosto, num fundo de campo.

* * *

Os primeiros galos ainda não haviam começado sua cantoria quando o assunto foi mermando. A garrafa já quase se esvaziara, e a dor no peito agora era só um leve tirão.

Com naturalidade, o paisano meteu a mão na mala de garupa e dela tirou um baralho espanhol, as cartas reluzindo de novas. Truco?

Por que não, respondi, afinal o caso era passar o tempo.

Antes de dar as cartas, fez uma pausa e falou num tom grave, pela primeira vez: não jogo às brincas.

Vale o quê?, perguntei. Não tenho plata, e do meu schimite não me desfaço, como qualquer mensalista de Misiones.

Não se apoquente, companheiro: não jogo por dinheiro, e na hora certa vosmecê há de saber o valor da minha aposta.

Botei aquelas palavras estranhas na conta da branquinha de Santo Antônio e topei a parada.

Na primeira volta o índio já botou Envido. Calavera, pensei. Mas este bagual aqui não foi criado campo fora por acaso, muito menos se criou na timba pra correr de chambão. Botei-lhe um Real Envido e a noite foi ficando linda!

* * *

Flor a Flor, Truco a Truco – o jogo ia parelho!
E dê-lhe Retruco e Vale-quatro!

Empardados nos tentos, chegou a última mão. Uma nesga de ferro em brasa no horizonte já anunciava que a noite vinha parindo o dia. E os galos.

Meu parceiro deu as cartas, em silêncio. Procurei em seu rosto qualquer traço de emoção, fosse por cartas buenas, fosse por cartas malas. Nada. O homem era uma campa.

Virou Bastos na amostra. La fresca! Olhei pras cartas que tinha comigo: três e cinco de Espadas; quatro de Bastos.

Nem esperei direito e já fui cantando

Su nombre no era Floduarda

Ní tampoco Florentina

Su nombre era Floribela

Ay, cuna! Que Flor de China!

e olhando com cara de vitória pro outro – uma Flor de 37! –, que não mexia um fio de cabelo. E então, esboçando um sorriso de leve, sibilou por entre os lábios: Contra-flor e o resto!

Aquilo decidia a partida! O jogo de maior valor ganhava a aposta, fosse ela qual fosse.

Cartas no chão, contamos os pontos. Ele tinha o Perico, um seis e um quatro de Ouro: 37 pontos!

Foi de mano!

Trinta e sete a trinta e sete!

Ganhaste na regra do jogo, ele me disse depois de um pequeno momento de reflexão. Apertou minha mão num cumprimento formal – e foi quando percebi que sua pele era ainda mais fria que o vento da madrugada.

Depois, como se nunca tivesse andado por ali, virou as costas e foi embora.

* * *

De manhãzita retornei à estância.

Rebuliço da peonada no galpão.

Aos atropelos, me contaram dos corpos achados perto do açude, ainda quentes. Eram os ladrões de gado: estranho era que não tinham marcas de bala ou faca, nem mesmo de qualquer tipo de violência. Mortos, apenas.

Então entendi a aposta que tinha ganho algumas horas antes.

E nunca mais senti dor alguma a corcovear no peito.

AMANHECIA

SIDNEI SCHNEIDER



amanhécia
dentro dos cavalos,
eram muitos.
trotavam desde minas
até o presente
sem cavaleiros.

os cavalos comiam
aldeias pelo caminho,
mastigavam o vento
frio dos séculos,
e cuspiam cidades
cheias de lâmpadas.

relinchos altivos
debulhavam o sol
no interior dos corpos,
não havia cio que
não se desenredasse
contra as estrelas.



os cavalos dobravam
a esquina da paulista e
desciam a consolação,

as crinas penteando
os semáforos azuis,
verdes, vermelhas,
a martelar nos cascos
de ferro ou prata
faíscas de morte.
tomavam todas as
grandes avenidas
do país, pastavam
carros e canteiros,
derribavam postes,

para abastecer
de sonho e céu
os seus esôfagos
inconfidentes.

boa a esperança
que traziam presa
nos dentes sem freio,
nas narinas tranquilas,
nos olhos doces,
nas orelhas sensíveis,
os cavalos sem sela.
palác, palác, palác,
palác, palác...



ATÉ O FIM

LUIZ GONZAGA LOPES

Ninguém podia reclamar de Edivaldo. Ele trabalhou até o fim. Dos outros. De si mesmo. Era caprichoso com a morte. Dos outros. Por que não? A profissão de coveiro lhe deu o amor incondicional, que não tinha pelos vivos. A cada jazigo, túmulo em terra, gaveta ou mausoléu, lá estava ele, cuidador. Quando um familiar passava a alça dianteira do caixão, sentia estremecimento, uma honra tal a de um guerreiro, um soldado que vê o companheiro ser atingido e troca com ele as suas últimas palavras. Ouve amor à vida, no derradeiro suspiro da caserna.

Seu Valdo, como era chamado pelos mais chegados, era uma espécie de fiscal desta viagem. Acreditava no que fazia. Fez isto durante quarenta e cinco anos. Perto do fim, já tinha poucas forças e precisava ser ajudado para o rito final neste plano.

Com a família, não dedicou tanto amor em vida como quando enterrou a mulher, Eva, e também três de seus quatro filhos. Homens. Edison, Edinaldo e Edilson. Morreram cedo, entre os trinta e quarenta anos de idade. Naquelas três horas, dedicou uma atenção especial. Uma inscrição entalhada em madeira revestia os túmulos: “Aqui está quem viveu bem e um dia partiu”. Foram enterrados lado a lado. Lágrimas na terra cavada. Esta foi concessão especial da Prefeitura de Cangoatá do Sul. Era um funcionário exemplar. Não se aposentaria nunca.

— Daqui só saio morto — dizia.

Dois salários mínimos, mais vantagens: quantos quinquênios se somando? Edvilson era o nome do irmão que também passou por suas mãos. Nesta morte, fez questão de preparar o corpo junto com o pessoal da funerária, os velhos amigos Geraldo e Marildo.

A vida de Edivaldo foi abismo. Foi luto alheio. Era um coveiro calado e sempre amigo. A sua mão encostava no ombro de alguém e havia paz no gesto. Conforto. Sempre alguma palavra. Algumas clichê, outras pérolas.

— Paciência. Ele queria assim. Vontade divina. Destino. Todos têm sua hora!

ou

— Morrer é viver em outro plano.

Anestésico Edivaldo. A dor adormecia, embora jamais sonhasse. A memória deste homem era de elefante. Ele lembrava dos parentes. Das palavras proferidas, dos cânticos. Sabia os nomes e sobrenomes. Era comum perguntar: “como vai o fulano?” ou “e a beltrana, tá mais animadinha?”. Zelava por cada um dos túmulos. Ajeitava as flores. Família sepulcral.

Fora dali, a vida apagada. Em casa, era bastante ausente. Morava perto. Depois que Eva morreu, foi visto bebendo cachaça pela primeira vez. Primeiro os amigos deduraram. Contaram para o filho Edivaldo Junior, que trabalhava como pedreiro, mas o destino lhe faria herdeiro do legado soterrado nas entranhas da família. Edivaldo tinha sempre uma garrafa enterrada próximo dos locais onde jaziam os outros, os mortos, vivos na sua lembrança da cerimônia. Sentia-se um pouco culpado pela morte da mulher e dos filhos, pois só sabia assistir as pessoas na morte, não em vida.

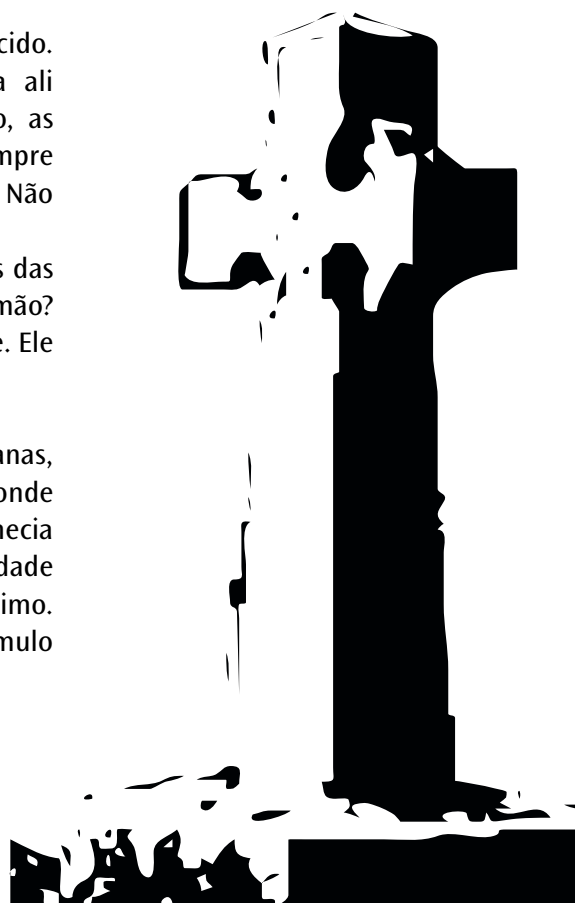
Um único dia neste tempo todo ficou acamado e não foi trabalhar. Foi na passagem de uma criança de quatro anos assassinada e que por acaso era sua vizinha. Vingança. Endereço ao pai da vítima. Crueldade. Não entendia a existência. Ele, que via a morte tão de perto, que só podia falar bem dela, acusou o golpe. Mesmo encarando a ceifadora todos os dias, procurava, à sua maneira, a vida nas pessoas, pois a morte procuraria, sozinha, os seus eleitos.

Encantava-o a movimentação amorosa em torno do falecido. Gostava de ver quem realmente amava e quem estava ali para cumprir tabela. Edivaldo percebia o comportamento, as inquietações, os medos, o murmúrio, a reza exaltada e a sempre presente preocupação com herança e despesas do velório. Não tinha dúvidas na morte.

Chegou o dia em que adoeceu feio. Teve câncer nos ossos das mãos. Pingos de morte em falanges. A vida o deixaria na mão? No entanto, o que era a vida senão o meio de chegar à morte. Ele padeceu, mas disse que trabalharia até o fim.

— Não vou dar as mãos à palmatória desta covarde.

Depois de uma convalescência de não mais que duas semanas, um dia retomou o expediente. Tinha saído do hospital, onde teve parte da mão direita amputada, mas a sinistra permanecia intacta. Ele trabalhava com dois auxiliares. Também a cidade era pequena e morria uma pessoa por semana, no máximo. Todos o aconselhavam a ficar de cama, de repouso. O túmulo



encomendado para si, junto ao da mulher, estava fechado. Noite alta, contrariando o filho vivo (que dormia), foi ao cemitério e abriu o local dedicado a si. Dormiu na beirada, com muita dor no corpo.

No outro dia, uma dor aguda acordou sua carne, seus ossos, sua pele. Às quatro da tarde, iria conduzir o enterro da mulher do padeiro da cidade, a uns quatro túmulos da sua própria cova. A dela havia sido aberta na madrugada. Às três e meia, foi encostar-se na última morada. Era ali o seu refúgio. Sentiu ferroadas nas terminações da mão parcialmente amputada. Uma dor também no peito. Uma angústia. Tristeza inundando. Ligou para casa e chamou Junior. Deitou próximo à sepultura e escorregou lá para dentro. A dor o consumia. Latejos pelo corpo. Esquecera os remédios em casa. Era cardíaco também. Os colegas sentiram a sua falta, enquanto mexiam na cova da mulher. Os amigos da funerária e os familiares da finada Ivonete chegavam devagarzinho com o caixão. Eram uns cinquenta mais ou menos. Ele lá dentro, aguentando firme. O cortejo veio lento. Ele tentando manter os olhos abertos. A morte e os seus formigamentos. O féretro avançando. Ele vendo o filme da vida. As pessoas cantando.

— Segura na mão de Deus e vai!

Ele pensando na vida. Uns choravam pela mulher do padeiro. Edivaldo chorava de dor. A aproximação foi vagarosa. Som de pássaros, vento nas folhas, o jardim do Éden idealizado. O marido da falecida lembrando dos 40 anos de casados recém-completados. Ele escutando uma música clássica, que não conhecera em vida. O marido, consciência pesada, pois a traíra uma dezena de vezes, normalmente com duas clientes do comércio, uma viúva e a outra professora de inglês do colégio municipal. Ele tentando abrir os olhos para fazer a sua leitura do que pensavam verdadeiramente os parentes e amigos da mulher.

Junior veio. Instinto de Edivaldo, também seu nome. Correu trôpego. Passou por entre as quatro covas, dos três irmãos e por fim da mãe, onde se demorou. E afinal foi em direção à do pai. O cortejo andante. Edivaldo, sereno. Junior tropeçando numa pá deixada perto do túmulo do pai. Hoje seria o dia. Seu Paulo, marido de Ivonete, chorando e soluçando como uma criança, consolado pelo irmão. O cortejo em prantos. Junior caído. Junior perdido. Edivaldo esperando o desfecho do enterro que deixaria o padeiro viúvo não se sabe até quando. Um fio de vida, mas forte o suficiente para prendê-lo, praticamente em pé. Levantou, enfim, cambaleante, para trabalhar até o fim.

Luiz Gonzaga Lopes é autor do romance Amor sobre tela (Armazém Digital, 2007).





Trecho do novo livro de Luís Dill, a ser lançado no primeiro semestre pela editora Scipione.

DECIFRANDO ÂNGELO

[NOVELA JUVENIL]

Às 10h33min todos na escola ouviram o tiro. Na hora a grande maioria não entendeu o significado do estouro. Alguns risinhos foram ouvidos, desenhados pelo susto. O silêncio posterior deixou o ar cheio de uma áspera expectativa. No minuto seguinte o grito agudo da funcionária pôs fim à inocência. Todos se assustaram. E ninguém mais esqueceu o som.

Tem barba ruiva, já cheia para a pouca idade. Cabelos crespos e igualmente ruivos, presos em rabo de cavalo. O rosto é fino, nariz adunco, olhos escuros. Veste jeans envelhecido, tênis de solado baixo, camisa xadrez com os botões abertos para deixar à mostra a camiseta preta com a imagem de Eddie Vedder em laranja. Senta sobre o tampo da mesa. Está na primeira fileira, as classes da sala de aula alinhadas, costas levemente encurvadas. Não se vê mais ninguém ao fundo, apenas cadeiras e classes. Ele parece tranquilo.

DECIFRANDO ÂNGELO – 2011

Diretor: JB Vuia

Depoimento 1: Abraão Zielinski – Take 1

Data: 24/5

Pra falar do Ângelo, né? Tá. Bom, entrei esse ano aqui na escola. Vim de outro colégio, na verdade vim de outra cidade. Acho que dá pra perceber por causa do sotaque. Então. Sou novo por aqui. Oi? Ah, se eu tô gostando? Claro. Demais. A cidade é um pouquinho diferente, menorzinha, mas aos poucos você vai se acostumando, vai se ambientando, como diz o meu pai. Como? Ah, sim, eu também tô gostando do colégio. Colégio legal, as professoras, os colegas também. Bem legal. Tô gostando, sim. Claro. Quer dizer, teve esse lance aí com... o Ângelo. Foi um negócio bem pesado. Até prum cara como eu, que cheguei há pouco, que não tive tempo de conhecê-lo, o Ângelo, assim, mais a fundo. E esse negócio de conhecer alguém é engraçado. Oi? Como é engraçado? Então. É que nem o meu caso. Todo mundo acha que sou judeu. É, por causa do nome. Abraão. E do sobrenome. Zielinski. Mas não tem nada a ver. Não sou judeu. As pessoas também acham que eu sou judeu por causa da barba, do nariz, essas coisas. Mas nada a ver. Não sou judeu, não. E o engraçado é que na minha cidade eu tinha alguns amigos bem chegados que são judeus e nunca me disseram que eu parecia ser um judeu. As pessoas olham pra você, escutam seu nome e... Bom, mas acontece que eu não teria como falar muito sobre ele, sobre o Ângelo. Pra falar bem a verdade não sei se eu cheguei a conversar com ele alguma vez. É tanta gente, tanta gente nova, que às vezes você não consegue, quer dizer, precisa de tempo pra

conhecer a galera toda, se entrosar. Eu sento aqui na frente, nessa classe aqui do lado. Vocês chamam de “classe”, né? A gente chama de “carteira”. Pois é. O Ângelo sentava lá no fundo, naquela lá, tá vendo? A última, lá bem na quina da parede, na diagonal, bem longe daqui. Oi? Ah, tá, desculpa, olhar pra câmera, pode deixar. Então. Eu sento aqui, bem na frente, e ele sentava lá no fundo, junto da parede. Você sabe como é, fica mais fácil conversar com o pessoal que tá aqui nessa área, por perto. Acho que eu devo, no máximo, ter cumprimentado ele uma ou outra vez. Antes de começar a aula ou na hora da saída. No intervalo, talvez. Mas garanto pra você que não foi nada demais, não foi um papo mais comprido, nada nesse sentido. Sempre uma coisa breve, tipo um “E aí?”, algo assim. Mas apesar disso... Quer dizer... Apesar de ele, do Ângelo, não ser assim, meu amigo do peito, parceiro e tal, apesar disso, foi bem horrível. Eu não acreditei no que aconteceu. Achei até que fosse piada. Fiquei meio bravo até, quando a notícia se espalhou no dia do... No dia em que aconteceu. Eu falei várias vezes que não podia ser, que não acreditava, foi bem horrível. Chocante, na verdade. Quando minha mãe ficou sabendo e veio me buscar mais cedo naquele dia, foi exatamente assim que ela me disse: “Isso é chocante”.



Ela o percebe. A expressão serena se turva. Atravessa a rua em passo estugado. O bairro é sossegado, com movimentação moderada de automóveis. Cinamomos velhos dedicam sombras sobre a calçada. Ela volta a percebê-lo. Para, mãos na cintura. O rosto vira máscara de mau humor e, mesmo assim, o delineamento da beleza resiste bem claro. Adélia Englert usa tênis New Balance branco com o N preto, leggings preta, camiseta de dri-fit Asics de mangas curtas branca, óculos de sol e boné preto da Puma, por onde escapa o loiro rabo de cavalo. As formas do corpo ocasionam buzinas dos motoristas.

DECIFRANDO ÂNGELO

Diretor: JB Vuia

Depoimento 2: Adélia Englert – Take 1

Data: 24/5

Ah, não, por favor. O quê? Só uns minutinhos? Pô, já disse que não quero falar sobre essa história, que saco, JB. ãh? Tudo bem que é importante pra ti, mas pra mim não é, não quero mais ouvir falar dessa história horrível. Pô, JB, a gente já tinha conversado. Lembra? E o que foi que eu tinha te dito? ãh? Eu falei que não queria participar desse teu troço. O quê? Ah, não é troço, é documentário. Tudo bem, que seja. Olha, eu falei e repito: não quero falar sobre o lance, aliás, não sei por que tu quer tanto ir atrás dessa história. O quê? Ir atrás da verdade? Ah, qualé, JB. Que verdade? Todo mundo sabe o que aconteceu. Pra mim parece que tu tá fazendo uma coisa bem diferente. Parece que tu, sei lá, tá querendo aparecer, tá querendo fazer essas coisas que a imprensa adora fazer. ãh? É, isso mesmo, sensacionalismo. A tragédia já aconteceu, não dá pra fazer mais nada, entendeu, JB? Eu não vi nada, não sei de nada. Eu tava na aula na hora em que... rolou esse lance... E tu também tava em aula. Tinha aula de Biologia, lembra? Pois é. Então, eu não tenho nada que ver com o que aconteceu, não sei de nada, já falei, e tô te repetindo: desliga essa porcaria, JB! Tô atrasada pra minha malhação. Sai, me deixa!



Ela fecha a porta do quarto. Usa minissaia preta, blusa preta curta, o piercing brilha na barriga ainda bem bronzeada. Tamancos de salto igualmente pretos. O sutiã ressalta-lhe os seios, embora isso não seja necessário. Os cabelos negros estão alisados e o gloss dá volume aos lábios. Grandes argolas douradas nas orelhas, piercing de ouro na narina esquerda. Sorri sem economia, dentes avantajados e brancos, queixo prógnato. Senta-se na cama, cruza as pernas recobertas por discreta penugem dourada, mãos sobre o joelho.

DECIFRANDO ÂNGELO

Diretor: JB Vuia

Depoimento 3: Adriane da Silva – Take 1

Data: 24/5

Posso ficar aqui? Com a janela atrás de mim? Beleza. Tem esse hibisco aí no pátio. Viu o tamanho das flores? Adooooo. Podiam ter mais perfume, mas tudo bem. E aí? Gostou do meu look? É? Esse teu polegar pra cima quer dizer que gostou? Adooooo preto, me sinto megapoderosa. Ainda bem que o meu irmão não tá. Ele não pode me ver produzida que começa a encher. “Vai sair? Vai aonde? Com quem?” Ai, um inferno. Nem a minha mãe fica tão estressada. Mas e aí? Minhas costas tão retinhas? Tô bem? Beleza. Mês que vem começo um curso de teatro. Tu faz uma cópia pra mim, né, JB? Acho bom. Vê lá, vou te cobrar. Quero pegar esse vídeo aqui e mostrar pra professora, sabe como é... Ah? Já tá filmando? Beleza. Oi, meu nome é Adriane, sou de escorpião com ascendente em touro. Eu adooooo essa ideia de fazer um vídeo sobre o Ângelo, poder falar um pouquinho sobre ele. Tenho que confessar que sempre achei o Ângelo mó gato, como dizem as cariocas. Gato mesmo, aquele olhão castanho bem clarinho, cabelo bem curtinho, queixo quadrado, alto, forte, braço que só vendo, tinha uma cara de ator de filme de ação, não era de falar muito, mas eu acho que sempre rolou um clininha entre a gente. Nada escancarado, não é isso. Mas eu via o jeito como ele me olhava de vez em quando, principalmente na hora em que eu entrava na aula. Sabe como é, quase sempre chego em cima da hora, minha mãe parece que ama pegar engarrafamento, nunca vi. Eu botava o pé na sala de aula e olhava direto pra ele. Quer dizer, dava uma olhada geral, pras amigas, mas também dava uma espiadinha pra ele, e o Ângelo sempre de olho em mim. Meu olho batia no dele e pronto! Ele começava a olhar pra outro lado, pro chão, dava uma disfarçada legal, começava a rabiscar no caderno, parecia até que ele ficava tímido quando eu olhava pra ele, e eu confesso que curto um cara tímido. Minhas amigas dizem que eu, assim, acabo intimidando os guris. É, com esse meu jeito, sabe? Eu gosto de roupa curta, de decote, de estar sempre bonita, cheirosa, alisada, não entendo essas gurias que não se cuidam, vêm pra aula de camiseta, rasteirinha ou, o que é pior, de tênis. Não que eu queira falar, mas tem guria até com asa. Asa. É. Não foram apresentadas pro desodorante, pro perfume. Tem umas sôras que são mais gatas que umas coleguinhas, mas nada a ver, cada uma, cada uma. No fundo, acho que o Ângelo era muuuito tímido. Aí, quando rolou uma coisa dessas com o Ângelo, fico pensando se não foi por causa da timidez dele. Pode ser. Ele sentava lá no fundão, então eu só olhava pra ele no começo da aula e, às vezes, no intervalo, se bem que no intervalo eu preferia olhar... ai... Os guris do terceiro ano, nada contra vocês, né, JB, mas eu gosto mais de caras, assim, com mais maturidade, tá entendendo? O quê? Por que eu olhava pra ele? Ah, JB, como te falei, mó gato.



PLANO DE EDIÇÕES 2011 – IEL/CORAG AUTORES SELECIONADOS



Poesia

(Até com um livro publicado):

* Haydée S. Hostin Lima

Equilíbrio de açucenas

* Júlio Alves

Poesias

* José Weis

Lenhador de samambaias

(Mais de um livro publicado):

* Nei Duclós

Partimos de manhã

* César Pereira

Caminhos do fruto

Contos

(Até com um livro publicado):

* Guilherme Smee

Vemos as coisas como somos

* Marcela Mattar

O movimento do oceano

* Mauro Paz

Por razões desconhecidas

(Mais de um livro publicado):

* Lourenço Cazarré

O caderno secreto

* Sérgio Napp

Dias de verão

Novelas

(Até com um livro publicado):

* Deny Bonorino

O último retrato

(Mais de um livro publicado):

* Lélia Almeida

O amante alemão

Quadrinhos

* Carlos Ferreira

Caos

O conselho editorial decidiu também pela indicação do livro *Entrechos ou Valas do silêncio*, de Guto Leite, que será publicado em lugar do livro da categoria Ensaio, para a qual não houve selecionado.

Foram recebidos 109 originais, distribuídos da seguinte forma:

49 originais na categoria Poesia; 21 originais na categoria Conto; 33 originais na categoria Narrativa Longa; 4 originais na categoria Ensaio; 2 originais na categoria Quadrinhos.



www.corag.com.br

Serviços Prestados pela Companhia: Impressão Offset, Impressão Digital, Impressão Rotativa, Impressão de Segurança, Impressão de Dados Variáveis, Fábrica de Livros, Tipografia e Acabamento Especiais.

ADMINISTRAÇÃO E PARQUE GRÁFICO

Rua Cel. Aparício Borges, 2199 | Partenon | Porto Alegre - RS
CEP 90680-570 | Fone: 51 3288.9700 | E-mail: corag@corag.com.br





TIAGO BELINSKI

:VOX



Faça como quem vive entre páginas de livros: dê valor à literatura gaúcha.

O IEL – Instituto Estadual do Livro – trabalha para fazer do nosso Estado um lugar com mais e melhores leitores. Associe-se: descubra como você ou a sua empresa podem colaborar. Você vai ver que, entre outras coisas, é possível incentivar a leitura doando apenas 50 reais. Todo o Rio Grande agradece. E os amigos do IEL também.

☎ (51) 3311.7311 📧 ielrs.blogspot.com 📱 @IELRS 📄 www.facebook.com/ielrs2



Secretaria da Cultura

